

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JANAÍNA DE AGUIAR MONTEIRO GELENSKI
JÉSSICA RODRIGUES

ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE CURITIBA PARA A VIVÊNCIA DA INFÂNCIA:
DESVENDANDO POTENCIALIDADES

CURITIBA
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

JANAÍNA DE AGUIAR MONTEIRO GELENSKI
JÉSSICA RODRIGUES

ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE CURITIBA PARA A VIVÊNCIA DA INFÂNCIA:
DESVENDANDO POTENCIALIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do grau em
Licenciatura em Pedagogia, Setor de Educação
da Universidade Federal do Paraná
Orientadora: Profª. Drª. Angela Maria Scalabrin
Coutinho.

CURITIBA

2015

Aos nossos pequenos Davi e Erick,
que foram grandes incentivadores
desta pesquisa e que souberam
compreender a nossa ausência
enquanto estávamos debruçadas
neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, por ter nos iluminado durante nossa trajetória acadêmica, guiando nossos caminhos, sendo nosso refúgio nas horas difíceis e nosso grande incentivador nas realizações dos nossos sonhos.

À amizade que temos, que foi além dos interesses de pesquisa e estudo. Agradecemos uma a outra pela positividade e companheirismo constante.

Aos nossos familiares, em especial aos nossos pais Ezequiel e Vera e Edevaldo e Cecília, que foram exemplos de dedicação, e não mediram esforços para nos ajudar nos momentos difíceis e felizes ao longo do curso.

Aos nossos amados companheiros, André e Fernando, pela compreensão e apoio, por acreditarem em nossos sonhos, e lutarem para a realização ao nosso lado.

Aos nossos sogros Israel e Sueli, Aloise e Lídia pela mão amiga sempre estendida a nós com tamanha ternura.

Com muita honra agradecemos à nossa querida orientadora, Professora Angela Maria Scalabrin Coutinho, pelo acompanhamento do nosso trabalho desde o início do curso. Obrigada pela generosidade, disposição, paciência, comprometimento, carinho e atenção. Muito obrigada por ter nos dado o privilégio de construir esta pesquisa sob sua orientação!

Agradecemos aos demais professores e colegas do Curso de Pedagogia que direta e/ou indiretamente contribuíram para a concretização deste sonho.

RESUMO

O presente trabalho tematiza os espaços públicos da cidade de Curitiba para as vivências da infância, com o objetivo de investigá-los, buscando reconhecer a expressão da infância, bem como a efetivação dos direitos das crianças de usufruir destes espaços; conhecer as estruturas dos parques e colaborar com pesquisas desse âmbito. A pesquisa de cunho qualitativo teve como elementos para análises as observações de campo, os registros escritos e fotográficos. Buscou-se a partir de autores como Santos (1978, 1988) e Frago (2001) situar o tema no quadro teórico, bem como trazer as contribuições de Rechia (2003) e Moro (2012) sobre os espaços públicos de Curitiba, tecendo a construção da pesquisa a partir do mapeamento dos espaços; observações de campo, análise dos dados levantados e gerados, problematizando as possibilidades que os espaços públicos ofertam ao público infantil, considerando o principal sujeito: a criança. Assim compreendemos que a criança só se constituirá como sujeito protagonista, se for sujeito dos espaços naturais e sociais que vivencia. Nesta perspectiva, este texto revela a importância da oferta de múltiplas possibilidades, que contemplem a ludicidade, a experimentação, a brincadeira e as interações sociais e naturais.

Palavras-chave: Espaços Públicos, Educação Infantil, Infância.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Ganchinho	31
GRÁFICO 02: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Barreirinha.....	40
GRÁFICO 03: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro São Lourenço.....	45
GRÁFICO 04: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Hauer	53
GRÁFICO 05: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Vista Alegre	68

LISTA DE SIGLAS

CMEIs: Centros Municipais de Educação Infantil

FUPEF: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPPUC: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SMMA: Secretaria Municipal do Meio Ambiente

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: MAPA BOSQUES, PARQUES E PRAÇAS.....	21
FIGURAS 2, 3, 4, 5 - ESCORREGADOR, GANGORRAS, TREPA-TREPA, BALANÇA	22
FIGURA 6 - MODELO BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL	22
FIGURA 7- PARQUE LAGO AZUL	23
FIGURAS 8 e 9 - PARQUE DA BARREIRINHA.....	24
FIGURA 10 - BOSQUE REINHARD MAAK	24
FIGURAS 11, 12 - PARQUE SÃO LOURENÇO	25
FIGURA 13 - PARQUE NATURAL MUNICIPAL VISTA ALEGRE	26
FIGURA 14 - PISTA DE CAMINHADA.....	32
FIGURA 15 - MIRANTE (CANTO DIREITO) E VISTA DO LAGO.....	32
FIGURA 16 - LAGO E TRAPICHE	33
FIGURA 17 - VISTA DO PARQUE INFANTIL (1).....	34
FIGURA 18 - VISTA DO PARQUE INFANTIL (2).....	35
FIGURA 19 - TRONCOS COM DESNÍVEIS	36
FIGURA 20 - EXPLORAÇÃO DOS TRONCOS (1)	36
FIGURA 21 - EXPLORAÇÃO DOS TRONCOS (2)	37
FIGURAS 22 e 23 - BRINCADEIRA E INTERAÇÃO.....	38
FIGURA 24 - PISTA DE CAMINHADA.....	41
FIGURA 25 - QUADRA DE AREIA	41
FIGURA 26 - LAGO	41
FIGURA 27 - PARQUE INFANTIL	42
FIGURAS 28, 29, 30, 31 - BRINQUEDOS INSTALADOS PELO PARQUE.....	42
FIGURA 32 - QUADRA DE AREIA	46
FIGURAS 33 e 34 PARQUE INFANTIL DESTINADO A CRIANÇAS MAIORES DE OITO ANOS E PLACA INDICATIVA	46
FIGURA 35 - ACADEMIA AO AR LIVRE	47
FIGURA 36 - CICLOVIA QUE CIRCUNDA O LAGO.....	47
FIGURA 37 - LAGO	48
FIGURA 38 - PISTA DE CARRINHO DE ROLIMÃ.....	48
FIGURA 39 - CRIANÇA CAMINHADO PELO GRAMADO	49
FIGURA 40 - CRIANÇA BRINCANDO DE PIPA.....	50

FIGURA 41 - BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL.....	50
FIGURA 42 - LABIRINTO	51
FIGURA 43 - PLACA INDICATIVA BOSQUE REINHARD MAACK.....	54
FIGURA 44 - CHOUPANA.....	54
FIGURAS 45, 46, 47 - PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO DA VEGETAÇÃO	55
FIGURA 48 - GONGO	56
FIGURA 49 - PESCA.....	57
FIGURAS 50, 51 - TELEFÉRICO.....	57
FIGURA 52 - ALVO	58
FIGURA 53 - TRAMPOLIM.....	59
FIGURA 54 - GANGORRAS.....	59
FIGURA 55 - SALTO	60
FIGURA 56 - PESO.....	61
FIGURA 57 - MURALHA.....	61
FIGURA 58 - TRAVESSIA	62
FIGURAS 59, 60, 61 - ELEMENTOS DA TRAVESSIA	63
FIGURAS 62, 63 - HEXÁGONO	64
FIGURA 64 - ESCALADA	64
FIGURAS 65, 66 - TÚNEL	65
FIGURAS 67 e 68 - ESCORREGADOR	65
FIGURA 69 - MIRANTE	66
FIGURA 70 - ARGOLA	66
FIGURA 71 - BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL.....	69
FIGURA 72 - CORRENTES DE ESCALADA.....	70
FIGURA 73 - DECK.....	70
FIGURAS 74, 75 - CRIANÇA OBSERVA O IRMÃO MAIS VELHO E EM SEGUIDA IMITA SEUS MOVIMENTOS.....	71
FIGURA 76 - CRIANÇA OBSERVANDO A BRINCADEIRA DE OUTRAS CRIANÇAS	72
FIGURA 77 - BRINCADEIRA DE PEGA - PEGA COM A PARTICIPAÇÃO DO ADULTO	72
FIGURA 78 - BRINCADEIRA ENTRE PAI E FILHA	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SITUANDO O TEMA A PARTIR DO QUADRO TEÓRICO E NORMATIVO	16
2.1 ESPAÇO, LUGAR AMBIENTE E TERRITÓRIO	16
2.2 OS ESPAÇOS DAS INFÂNCIAS E A LEGISLAÇÃO	18
3 O CAMINHO DA PESQUISA	20
3.1 DOS ESPAÇOS OBSERVADOS	23
4 EXPLORANDO OS CONTEXTOS DOS CAMPOS DE PESQUISA	26
5. ADENTRANDO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS PARA A INFÂNCIA	30
5.1 PARQUE LAGO AZUL: UM ESPAÇO DE POSSIBILIDADES	30
5.2 PARQUE DA BARREIRINHA: UM ESPAÇO A SER CUIDADO	39
5.3 PARQUE SÃO LOURENÇO: UM ESPAÇO DE PLURALIDADE	43
5.4 BOSQUE REINHARD MAACK: UM ESPAÇO DE DESAFIOS	52
5.5 PARQUE NATURAL MUNICIPAL VISTA ALEGRE: UM ESPAÇO PADRONIZADO	67
6. ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	74
REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

Problematizar o espaço externo e de vivências das crianças é o interesse desta pesquisa, e surgiu ao decorrer do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná com a realização do Estágio em Docência em Educação Infantil no ano letivo de 2013, a partir do qual, buscamos refletir a relação das crianças e profissionais com os espaços externos das instituições de Educação Infantil.

Com o estágio realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil de Curitiba, buscamos analisar como se constituíam os espaços e suas organizações, chamando a atenção para a importância de pensarmos os espaços externos ofertados no CMEI (tal como os parques infantis, jardins, hortas, gramados, tanque de areia, entre outros) nos planejamentos e práticas pedagógicas. A problematização dos espaços externos na Educação Infantil resultou na produção acadêmica e publicação do artigo científico intitulado “Os Espaços Externos como Possibilidade de Múltiplas Experiências na Educação Infantil” (2015), a partir do qual compreendemos o espaço externo como:

[...] um lugar que oportuniza a interação entre as crianças e seus pares, destas com os adultos e com o meio. O espaço externo pode proporcionar muitas experiências envolvendo a brincadeira, a expressão por meio do corpo, das relações com a natureza, da imaginação e da criação, tornando-se um lugar de expressão da infância e um elemento educativo. (MONTEIRO; RODRIGUES, 2015, p. 2)

Porém, não podemos reduzir a discussão do espaço às instituições de educação infantil, devemos reconhecer o dever legal da família, da comunidade, da sociedade e do poder público em assegurar às crianças a efetivação dos direitos referentes à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990), bem como a garantia do direito da criança em brincar em espaços públicos, com segurança e qualidade, afirmado em lei através do artigo 59 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990): “(...) os municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude”.

Desta forma, ao entendermos o espaço como um elemento educativo, considerando que a criança se relaciona com o espaço em que está inserida, o influenciando e sendo influenciada por este, buscamos nesta pesquisa nos ater as possibilidades dos espaços externos e de vivências da infância, considerando não apenas os espaços encontrados/ofertados pelas instituições de educação infantil, mas também aos espaços públicos; atendo-nos aos parques e bosques, sejam estes pensados ou não para as crianças, mas que são ou que ainda possam vir a ser explorados por elas.

A partir do entendimento dos espaços externos como lugares que oferecem ricas e infinitas possibilidades de trocas de experiências, interações e socialização e que a criança aprende e se desenvolve de acordo com as condições objetivas que lhe são ofertadas, consideramos o estudo deste tema de grande relevância na área pedagógica, pois sendo o espaço um elemento educativo, os espaços de uso da criança deverão ofertar condições para que se desenvolva, usufruindo de maneira volitiva e segura.

Durante a realização do estágio, como nossas observações de campo¹ num CMEI vinculado à rede pública municipal de educação de Curitiba, a partir da disciplina "Prática Pedagógica A - Estágio em Docência na Educação Infantil" no ano letivo de 2013, percebemos que os espaços externos da instituição não eram entendidos em sua plenitude como possibilidades de práticas educativas, o que nos levou a pensar em nossas práticas de docência de maneira a contemplar esses espaços, tão ricos em possibilidades; desta forma pensamos nas infinitas experiências que ele poderia propiciar às crianças, envolvendo as mais diversas linguagens por meio de brincadeiras, da interação, da relação que as crianças estabelecem com o espaço.

Porém, ao repensarmos o tema, ressignificamos o foco de interesse, considerando os espaços de vivência das infâncias não apenas no âmbito institucional, mas também a oferta de espaços públicos e comunitários, bem como o dever legal da família, da comunidade e do poder público em assegurar às crianças a efetivação de seus direitos, entre eles o acesso ao lazer, esporte, cultura e educação, entendendo

¹ Estágio supervisionado realizado semanalmente, predominantemente às quintas-feiras no período vespertino.

portanto que os espaços de expressão de infância vão além dos espaços das instituições de educação infantil:

Temos, então, a tarefa de pensar a creche como um lugar onde as crianças possam viver sua infância, não deixando de lado a importância de lutarmos pela reconquista dos espaços públicos, que foram rapidamente privatizados com o processo acelerado do capitalismo industrial. A rua agora é dos carros, as praças, quase inexistentes, são inseguras, danificadas e sujeitas à depredação, restando às crianças poucos espaços para viver coletivamente, onde possam partilhar, serem solidárias e traçarem regras em comum, no convívio/confronto com seus pares e adultos. Cabe aqui o alerta feito por Souza Lima (1995, p.190), para que reflitamos sobre nosso compromisso com a infância, atentando para “a situação específica da realidade metropolitana, buscando oferecer às crianças o mundo lúdico, próprio de suas idades, o qual as sociedades concorrenciais têm destruído sistematicamente”. (AGOSTINHO,2003, p. 8)

A escolha desta pesquisa configurou-se como um desafio, pois o tema de interesse é ainda pouco estudado, são poucas as publicações e os autores que discutem esta problemática, nos mobilizando a discutir a importância e as diversas possibilidades que encontramos nos espaços externos para as crianças de zero a seis² anos. Conforme constatou Pinto (s/d, p.9):

Apesar de assistirmos um aumento no número da produção relacionada às questões sobre a organização do tempo e do espaço escolares, ao analisar a produção nacional pude constatar que ainda estamos “engatinhando” no que se refere à análise das condições sociais e objetivas da infância na escola.

A junção destes aspectos e a curiosidade pela rica experiência que os espaços podem proporcionar uniram-se, nos levando a pesquisar, identificar e problematizar a oferta de espaços públicos, no município de Curitiba, procurando reconhecer a localização destes espaços e caracterizar o público infantil que os frequenta.

Assim, nos propomos a aqui interpretar os dados levantados, buscando tecer relações entre eles, discutindo as semelhanças e diferenças de maneira a problematizar a oferta, o uso e a qualidade dos espaços externos públicos de convivência da infância.

² Ao consideramos a faixa etária das crianças que frequentam a Educação Infantil reconhecemos que a nova redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define o atendimento na Educação Infantil de crianças com até cinco anos de idade, porém crianças de seis anos frequentam essa etapa, desta forma, optamos por manter a indicação de zero a seis anos de idade.

Compreendendo a grande variedade de espaços públicos, tais como museus, ruas, jardins, praças, entre outros, buscamos nesta pesquisa nos ater aos espaços públicos de lazer com a presença de áreas verdes, tais como os parques e bosques.

Nesse sentido, o objetivo geral foi investigar alguns espaços públicos de lazer do município de Curitiba, a fim de analisar as possibilidades, os enredos de brincadeiras, os brinquedos e o contato com a natureza que cada um oferece para as vivências das crianças de zero a seis anos. Enquanto objetivos específicos delimitou-se reconhecer a expressão da infância nos espaços estudados, identificar se o direito das crianças a usufruir esses espaços tem sido respeitado, conhecer as estruturas disponíveis para a brincadeira e a composição dos parques no que se refere aos elementos da natureza e por fim, colaborar com as pesquisas sobre os espaços públicos e suas possibilidades na infância.

Enquanto percurso metodológico optamos por uma pesquisa qualitativa, com observações³, com registros escritos e fotográficos.

Para iniciarmos a pesquisa buscamos identificar as regiões do município de Curitiba e os espaços públicos presentes em cada uma delas, a partir das informações obtidas no site⁴ da Prefeitura Municipal de Curitiba e da análise do mapa das regionais do município e também do mapa temático “Boques, parques e praças” do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC - levantamos o mapeamento dos parques e bosques públicos de Curitiba, os quais encontram-se em sua maioria localizados nas regiões norte e central do município; adotando como critério de escolha a localização (Região Norte e Região Sul) e a presença de parques infantis, selecionamos primeiramente 3 (três) espaços públicos para a realização de observações, e a problematização das possibilidades de vivências das crianças e a expressão da infância nestes lugares. Porém, no decorrer da pesquisa, e do levantamento de dados surgiram novas possibilidades e novos interesses, o que nos levou a realizar novas observações, totalizando 5 (cinco) espaços públicos. Primeiramente selecionamos como campo de pesquisa o Parque Lago Azul, o Parque da Barreirinha e o Bosque Reinhard Maack, porém ao realizarmos a construção da

³ Quanto às observações dos sujeitos, cabe salientar que partimos do princípio ético do sigilo da identidade, buscando descrever os fatos e contextos, sem expor a imagem e identificação das pessoas.

⁴ Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/>

pesquisa e as visitas de campo, surgiu o interesse em observar também o Parque São Lourenço e o Parque Natural Municipal Vista Alegre, interesse esse que será justificado ao longo do trabalho.

Assim como sugerem Menga e Ludke (1986), a pesquisa é o esforço de elaborar o conhecimento, sendo assim é necessário curiosidade, inquietação, inteligência e atividade investigativa dos pesquisadores, a partir e em continuação do que já foi elaborado anteriormente sobre o assunto.

A pesquisa qualitativa exige o contato com o ambiente estudado, para que o problema em análise possa ser observado no seu contexto, sem que haja manipulações. Além disso enfatiza o processo e não apenas o produto final (resultado), assim necessita de coleta de dados, observação dos acontecimentos, das interações das pessoas e dos significados que elas atribuem as coisas, aos fatos.

Para o levantamento de dados a respeito dos parques e bosques realizamos uma observação em cada espaço, com duração aproximada de uma hora. Utilizamos a fotografia como forma de coleta de dados, a partir da qual buscamos “construir um método de abordagem do tema proposto que abra espaço não só para uma reflexão teórica e para a linguagem escrita, mas principalmente para a exploração do conhecimento construído nas imagens e pelas imagens” (LOPES, 1998, p. 77), ou seja, o uso da fotografia como fonte de pesquisa, objeto de estudo e análise.

As imagens de registros vêm agregar à pesquisa evidências, informações, interpretações e compreensão da realidade social, sendo usada conforme Martins (2011), como metodologia adicional, técnica de investigação para ampliar e enriquecer as informações obtidas em campo de estudo.

Coletados e analisados os dados, compusemos o texto que se organiza e estrutura da seguinte forma: esta introdução que constitui a seção I, na seção II abordamos a concepção de espaço, ambiente, lugar e território, apresentando as contribuições e fundamentações teóricas de cada conceito, assim como alguns documentos normativos e orientadores sobre os espaços na educação infantil.

Na seção III, contextualizamos a pesquisa, a partir da sua configuração, as imagens, descrições e demais dados gerados nos campos de observação e levantados nas fontes demográficas, finalizando a seção, com a análise dos dados.

Na seção IV, tecemos algumas considerações, não finais, mas que anseiam por novas pesquisas sobre a temática.

2 SITUANDO O TEMA A PARTIR DO QUADRO TEÓRICO E NORMATIVO

A discussão sobre o que se propõe o trabalho de pesquisa necessita como ponto de partida conceituar espaço, ambiente, lugar e território. Assim, este capítulo tem por objetivo apresentar brevemente alguns conceitos, para posteriormente no capítulo das análises chegarmos à uma melhor compreensão do conteúdo do trabalho proposto e aprofundamento conceitual.

2.1 ESPAÇO, LUGAR AMBIENTE E TERRITÓRIO

Abordando o conceito de espaço nos deparamos com várias definições, as quais incluem espaços delimitados, limitados, ilimitados, de construção, transformação, de conhecimento, enfim, existem várias abordagens que configuram esse conceito multidimensional.

Quando falamos em espaço podemos fazer relação ao espaço geográfico, o qual é configurado e construído pela ação do homem, sendo assim formado historicamente pela sociedade, dando forma as ruas, bairros, cidades, estados e países, ou ao espaço social, que é um espaço de relações, de convivências, de construções de conhecimento. Assim, espaço pode ser definido como um lugar material/concreto onde sujeitos desenvolvem ações que se configuram em transformações, mudanças. Segundo Milton Santos (1988), o espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem:

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171 apud SAQUET e SILVA 2008).

É neste sentido que procuramos observar e tecer análise sobre alguns parques, bosques e praças localizados no município de Curitiba, a fim de compreender quais as oportunidades que cada um oferece às crianças, bem como as relações que ali se estabelecem e podem vir a se estabelecer. Entendendo a importância das experiências e vivências das crianças nestes espaços por considerar o espaço um elemento educativo, conforme Mayumi (1983, p. 2-3 apud BUITONI, 2009, p. 44.):

Todo o espaço que possibilite e estimule positivamente o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir consequente, é um espaço educativo. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação dos seus participantes, mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de uma realidade que deveria ser outra.

Segundo Battini (apud AGOSTINHO, 2003, p.7) para a criança:

O espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou “ter que ficar quieto”, é esse lugar onde ela pode ir para “olhar, ler e pensar”.

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço (grifos no original).

É assim que entendemos os espaços, como lugar de vida, relações, descobertas. Para Frago (2001) o que qualifica o espaço e o constitui como lugar é sua utilização:

A ocupação do espaço, sua utilização, supõe sua constituição como lugar. O “salto qualitativo” que leva do espaço ao lugar é, pois, uma construção. O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se “a partir do fluir da vida” e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído. (p. 61)

Nesta perspectiva, o espaço não pode ser considerado neutro, pois tratando-se de uma construção social, expressa as relações que ali se estabelecem:

O território e o lugar são, pois, duas realidades individuais e grupalmente construídas. São, tanto num quanto no outro caso, uma construção social.

Resulta disso que o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. (FRAGO, 2001, p.64)

Para Milton Santos (1978) é o território e as suas delimitações que denominam o espaço, pois o território é um dado fixo, delimitado, uma área e a utilização do território pelo povo é que cria o espaço.

A palavra território refere-se a uma área delimitada, por exemplo, esse termo aplicado na política se refere ao Estado Nação, na biologia, ao espaço de vivência da espécie animal, mas em todas as definições construídas tem-se a ideia central de que é a apropriação de um determinado espaço.

Configurando uma definição que se articule às propostas desta pesquisa compreendemos o território como uma dimensão espacial, onde se configuram os espaços a partir das (des)construções dos sujeitos.

Para os italianos Ceppi e Zini (2013) o que caracteriza o espaço como ambiente é a qualidade, quantidade, intensidade e desenvolvimento das relações e das experiências:

O ambiente é visto não como um espaço monológico estruturado de acordo com um padrão formal e uma ordem funcional, mas como *um espaço no qual dimensões múltiplas coexistem, até mesmo as opostas*. É criado um ambiente híbrido no qual o espaço *adquire forma e identidade através das relações*. (CEPPI; ZINI, 2013, p.18)

O conceito de ambiente, portanto, refere-se a um local sociável, de respeito ao próximo, que se (re)constrói a partir das relações entre os sujeitos que ali habitam e do uso que estes fazem do espaço.

2.2 OS ESPAÇOS DAS INFÂNCIAS E A LEGISLAÇÃO

A atual legislação brasileira dispõe de um conjunto de documentos que orientam e balizam a educação infantil em seus mais variados aspectos, inclusive para a garantia de qualidade na infraestrutura das Instituições de Educação Infantil.

A partir da Emenda Constitucional nº 53 de 2006, da Constituição Federal (BRASIL,1988) o atendimento das crianças de zero a cinco anos de idade em creches e pré-escolas como direito social foi afirmado, reconhecendo a Educação Infantil como direito da criança e dever do Estado. A Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 (BRASIL, 1996) define a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tendo por finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, garantindo destinação de recursos públicos financeiros para a “aquisição, manutenção, construção e conservação de instalações e equipamentos necessários ao ensino” (Art. 70).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) orientam e balizam a organização de propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, de maneira que as mesmas contemplem condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos.

Segundo a Secretaria de Educação Fundamental, em sua publicação Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 1998,p. 7),

com a nova LDB, na qual a educação infantil recebeu destaque inexistente nas legislações anteriores, impôs-se a necessidade de que regulamentações em âmbito nacional, estadual e municipal sejam estabelecidas e cumpridas, de modo a garantir padrões básicos de qualidade no atendimento em creches e pré-escolas.

Compreendendo o espaço como elemento educativo tomamos, portanto, a sua organização como fator primordial para o desenvolvimento integral das crianças que o ocupam, desta forma a organização dos espaços das Instituições de Educação Infantil deve garantir:

- cuidados estéticos favoráveis ao conforto e ao bem-estar das crianças e dos adultos, nos espaços internos e no entorno da instituição;
- flexibilidade para transformação dos espaços de forma a permitir a utilização múltipla de ambientes, sua criação e re-criação com a participação das crianças. (BRASIL, 1998, p. 82)

Na produção legislativa sobre os espaços pode-se constatar que as contribuições referentes ao espaço e ao tempo estão vinculadas às práticas pedagógicas e as relações aprendizagem, o que nos leva a ressaltar mais uma vez a

importância deste estudo, compreendendo o espaço numa perspectiva mais ampla, que vai além do espaço institucional, considerando também os espaços públicos como espaços de convívio e produção de cultura da infância.

3 O CAMINHO DA PESQUISA

A partir das informações obtidas no site da Prefeitura Municipal de Curitiba e da análise do mapa das regionais do município e também do mapa temático “Boques, parques e praças” do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba fizemos primeiramente o mapeamento dos espaços públicos de Curitiba, os quais encontram-se em sua maioria localizados nas regiões norte e central do município. O que nos levou a adotar como critérios de escolha a região, buscando contemplar as regiões norte e sul, bem como a presença de brinquedos e espaços destinados ao público infantil, nos atendo, portanto, inicialmente a 3 (três) espaços públicos localizados em regiões distintas, para a realização das observações e da problematização das possibilidades de vivências das crianças e a expressão da infância nestes lugares. Porém, no decorrer da pesquisa surgiram novas oportunidades e novos interesses em observarmos mais dois espaços que foram também objetos de estudo e enriqueceram nossas análises da pesquisa, totalizando, portanto 5 (cinco) espaços públicos observados.

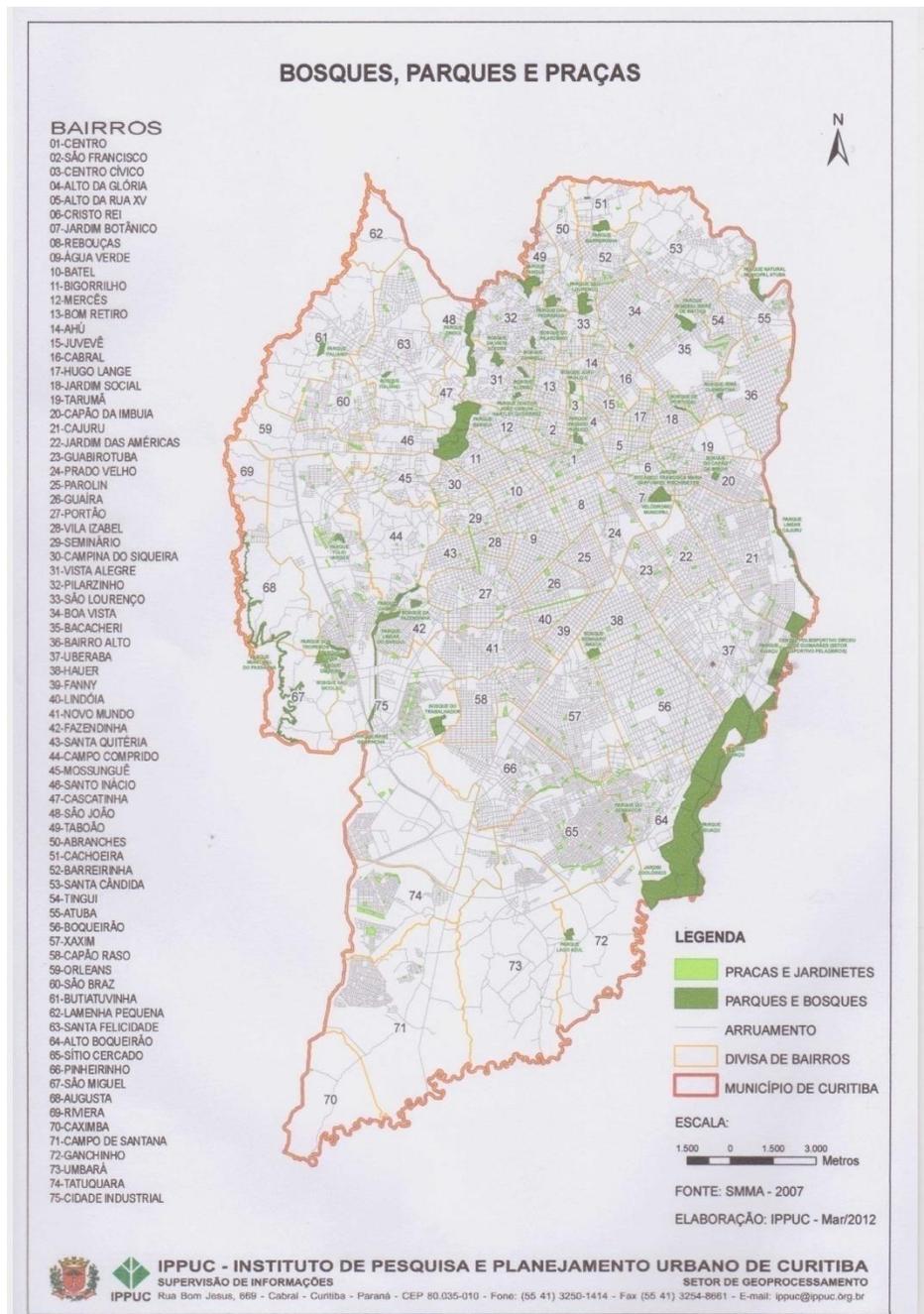


FIGURA 1: MAPA BOSQUES, PARQUES E PRAÇAS
FONTE: IPPUC (2012)

Escolhidos os espaços para a realização da pesquisa de campo e considerando os diferentes brinquedos destinados às crianças encontrados nos espaços observados, nos valeremos da pesquisa de Moro, Rechia e Assis (2014, p. 8) quanto ao modelo dos brinquedos instalados nos parques infantis. Visando facilitar o entendimento e a análise dos mesmos eles foram divididos em duas categorias:

- Brinquedos Unifuncionais: aqueles criados com um fim específico, separados no espaço:



FIGURAS 2, 3, 4, 5 - ESCORREGADOR, GANGORRAS, TREPA-TREPA, BALANÇA
FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

- Brinquedos Multifuncionais: caracterizados por um conjunto de brinquedos acoplados, organizados de várias formas, possibilitando mais de um fim, como uma plataforma da qual saem diversos brinquedos:



FIGURA 6 - MODELO BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL
FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

3.1 DOS ESPAÇOS OBSERVADOS

O primeiro espaço visitado foi o Parque Lago Azul, situado na Rua Colomba Merlin, 476, bairro Ganchinho no município de Curitiba (região sul), tem uma área de aproximadamente 126.000 m² e funciona diariamente das 7 às 19 horas. Tornou-se área pública em 2008, antigamente era propriedade particular. O parque está equipado com mesa e brinquedos de troncos, bancos de madeira, cancha de futebol de areia e de grama, cancha de vôlei, bistrô, sanitários, portal, churrasqueira, mirante, estacionamento, deck e trapiche entre outros.



FIGURA 7- PARQUE LAGO AZUL
FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

O Segundo espaço escolhido para observação foi o parque da Barreirinha, localizado na região norte da cidade, no bairro da Barreirinha, situado na Av. Anita Garibaldi, 6010, a 9 quilômetros do Centro, foi criado em 1959, mas transformado em parque e entregue à população apenas em 1972. O Parque da Barreirinha tem uma área de 275.380 metros quadrados, possui grande área verde de preservação natural, e funciona diariamente das 8 às 18 horas. No parque estão espalhadas churrasqueiras, brinquedos unifuncionais, biblioteca e outros equipamentos de lazer.



FIGURAS 8 E 9 - PARQUE DA BARREIRINHA
 FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

O terceiro espaço é o Bosque Reinhard Maak, localizado na região Sul do município de Curitiba, no bairro Hauer, situado na Rua Waldermar Kost, inaugurado em 1989, o Bosque possui uma área de 78.000 metros quadrados, onde se encontra instalada a Trilha da Aventura, formada por um conjunto de 16 brinquedos construídos em troncos de eucalipto. A visita à Trilha da Aventura, no interior do bosque, é proibida em dias de chuva. Durante a semana, somente são permitidas visitas de grupos de estudantes, e aos sábados, domingos e feriados aberto ao público das 8h00 às 18h00.



FIGURA 10 - BOSQUE REINHARD MAAK
 FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

Além dos espaços previamente escolhidos por nós para o desenvolvimento da pesquisa, durante a sua realização tivemos também interesse em observar o parque São Lourenço, pois este liga-se ao parque da Barreirinha através da ciclovia, essa

aproximação nos instigou a curiosidade de conhecer também as possibilidades que o Parque São Lourenço oferta às crianças. Localizado na Rua Mateus Leme, no bairro São Lourenço, com 203.918 m², o parque funciona todos os dias da semana ininterruptamente, conta com parque infantil, pista de rolimã, pista de caminhada, churrasqueiras, Centro de Criatividade, sede administrativa, teatro, Casa do escultor Erbo Stenzel, sanitários, canchas de futebol e vôlei, ponte, lago, estacionamento, posto policial e a ciclovia que circunda o lago e serve como ponto de interligação aos ciclistas que fazem o percurso entre o Parque da Barreirinha, ao norte, e o Bosque João Paulo II, no centro da cidade.



FIGURAS 11, 12 - PARQUE SÃO LOURENÇO
 FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

Ainda, durante a elaboração da pesquisa, a prefeitura Municipal de Curitiba inaugurou no dia 26.09.2015 um novo parque: o Parque Natural Municipal Vista Alegre. Tendo em vista a contemporaneidade da projeção do parque e a sua ampla divulgação na mídia, nos sentimos mobilizadas a conhecer esse novo espaço e as possibilidades que ele dispõe ao público infantil, bem como problematizar a oferta, condição, acessibilidade e o uso de um espaço inaugurado no mesmo ano da realização da pesquisa. Localizado na região Norte de Curitiba, o novo parque conta como principal atração uma cachoeira de sete metros, que deságua em uma piscina natural. Além dos 100 mil metros quadrados de área, o parque conta com decks de madeira, dois portais

nas entradas, estacionamentos, área com brinquedos para as crianças, iluminação, ponte, vias de acesso, pista de caminhada.



FIGURA 13 - PARQUE NATURAL MUNICIPAL VISTA ALEGRE
FONTE: MONTEIRO; RODRIGUES (2015)

4 EXPLORANDO OS CONTEXTOS DOS CAMPOS DE PESQUISA

Os parques públicos são de uso comum e bem de todos, assim possibilitam interação e convivência dos sujeitos, proporcionando momentos únicos com pessoas conhecidas ou desconhecidas, enriquecendo a relação que se estabelece com os demais. Rechia (2003) acredita que o espaço público é lugar onde as pessoas podem encontrar-se sem se estranhar pelo fato de serem estranhos, tornando-se espaço privilegiado para manutenção de formas de convívio, de civilidade e de cidadania.

Atualmente a sociedade em que estamos inseridos encontra-se muito restrita a espaços que não suprem a necessidade e as possibilidades de novos horizontes, pois os mesmos estão cada vez mais sendo reduzidos, e apresentando-se perigosos, muitas vezes sendo substituídos por tecnologias e mídias.

Quem de nós não teve em sua infância aquela brincadeira com o vizinho? Quem não correu na rua brincando de pega-pega? Ou pique-esconde? Quem não correu com uma bola, um pedaço de pau ou com outra criança em meio as árvores, as poças de água, na grama ou na areia? Atualmente, cada vez mais, os espaços estão

sendo tomados por construções e aos poucos se reduzem as opções mais perto, de fácil acesso. Rechia (2003) retrata a cidade atual:

A cidade, como paisagem artificial criada pelo homem, é um mundo de ruas, casas, edifícios, parques, praças, avenidas, num misto entre espaço natural e criado, formada por objetos e imagens, movimentada pela dinâmica entre a vida pública e privada, onde se articulam tempo/espaço, política, trabalho, cultura, consumo, lazer, entre outras dimensões. (p.01)

Salientando que:

As rápidas mudanças nas formas espaciais dos ambientes urbanos produzem também transformações nos tempos urbanos da vida cotidiana. Essas transformações alteram as relações de vizinhança, os usos e os tempos de apropriação dos espaços públicos, como dos parques, das praças, das ruas. (RECHIA, 2003, p.13)

O município de Curitiba, capital do estado do Paraná, cidade campo de nossa pesquisa, passou por grandes modificações no decorrer dos anos, adotando uma abordagem de novos horizontes e planejamentos que estruturam a cidade nos dias atuais.

Em meados da década de 1960 a capital paranaense moldou-se através do Plano Diretor⁵ sancionado em 1966, regido pelo IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, órgão criado em 1965 para acompanhar todas as etapas de elaboração do Plano Preliminar de Urbanismo para Curitiba.

Dentre os projetos de estruturação da cidade, pensados entre os anos de 1960 e 1980 aproximadamente, os principais foram transportes coletivos, embelezamento, restauração e preservação dos sítios históricos, padronização da paisagem urbana, implantação de áreas de lazer, tais como parques e bosques (OLIVEIRA, 2001, p 99), que fazem parte da atual configuração da cidade.

⁵ A Lei do Plano Diretor define a função social da cidade e da propriedade urbana, além de organizar o crescimento e o funcionamento do município. Consiste em um pacto sociopolítico da sociedade em direção a uma cidade mais humana, participativa, inovadora, inclusiva, funcional, sustentável e que ofereça qualidade de vida para a população. Deve apresentar uma visão de futuro para as próximas décadas, orientando o desenvolvimento do município. A última revisão do Plano Diretor de Curitiba ocorreu em 2004. Pela legislação federal (Estatuto das Cidades / Lei 10.257 de 10 de julho de 2001), a revisão do Plano Diretor deve ocorrer a cada 10 anos.

Ao mesmo tempo que essas transformações limitaram a população em alguns aspectos, também inovaram aproveitando os espaços já existentes reestruturando-os, conforme Rechia nos conta:

Quando criança, a rua onde brincava com meus amigos se transformou em uma das chamadas "vias estruturais", dando início, na década de 70, à grande transformação da cidade. Na mesma época, eu e meus irmãos, que estávamos acostumados a ultrapassar cercas de arame farpado as quais delimitavam um conjunto de chácaras de imigrantes italianos, para subir em árvores, soltar pipas, jogar bola, andar de bicicleta, tomar banho de rio, assistimos à transformação dessas áreas verdes em espaços diferenciados que recebiam o nome de "parques públicos". (RECHEIA, 2003, p. 2 - 3)

E complementa sua opinião:

Embora esses parques viabilizassem vivências no âmbito do lazer comunitário: churrasqueiras, quadras de esporte, pistas para caminhadas, lagos, lanchonetes, lamentamos tal transformação porque certos espaços se artificializaram, o que de certa maneira gerou um sentimento de perda e exigiu uma (re)adaptação nas formas de uso. Desta forma, passamos a praticar esportes em quadras de cimento, corríamos em pista de Cooper, andávamos de bicicleta nas ciclovias, passeávamos nas trilhas determinadas, fazíamos churrasco nos locais predeterminados e tínhamos normas de acesso a alguns espaços. (RECHIA, 2003, p. 3)

Levando em consideração dados⁶ do IBGE - Censo Demográfico de 1980 e de 2010, que demonstram o aumento da população de 1.024.980 para 1.751.907 habitantes, entendemos que aqueles que frequentavam os espaços anteriores as mudanças foram adaptando-se a nova realidade, a nova organização da cidade, aqueles que chegaram no meio do caminho da inovação, participaram do processo em andamento e aceitaram esse processo com mais facilidade.

Entretanto, essas mudanças foram necessárias para transformar Curitiba e foi fundamental para que a cidade fosse intitulada capital ecológica, capital social, cidade modelo, entre outras. Esses títulos foram atribuídos devido à sua imagem e as ações tidas como inovadoras, modernas, eficazes e ambientalmente corretas (MOURA, s/d).

⁶ Elaboração: IPPUC - Banco de Dados. Disponível em http://curitibaemdados.ippuc.org.br/Curitiba_em_dados_Pesquisa.htm

No ano de 1987 foi realizado o primeiro levantamento de área verde pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná (Fupef), que apresentava Curitiba com maciços ambientais que representavam 15,06% do seu território. No ano de 1992, foi realizado o segundo levantamento, que apresentou o índice de 13,56% de áreas verdes e o último realizado em 2000 teve o registro de 17,9% de cobertura florestal.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Curitiba⁷ com o uso de novas tecnologias (fotografias aéreas) foi possível apurar com mais precisão os índices de áreas verdes, que passaram de 18% em 2002 para 26% em 2012, considerando que passou de 51,5 metros quadrados por habitante para 64,5 metros quadrado por pessoa. Esses números só são possíveis pela transformação ocorrida nesse período; em 1988 eram 5 (cinco) parques e 5 (cinco) bosques, em 2012, segundo dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, elaborados pelo IPPUC, Curitiba conta com 1064 áreas verdes públicas, sendo 22 (vinte e dois) parques, 16 (dezesesseis) bosques, 452 (quatrocentos e cinquenta e duas) praças e 461 (quatrocentos e sessenta e uma) jardinetes.

Atualmente a cidade de Curitiba não faz jus aos títulos recebidos nas décadas passadas, pois estes foram conquistados por todo o conjunto de ações para a sua estruturação e desenvolvimento. As mídias trazem inúmeras críticas no dia a dia sobre a defasagem do transporte coletivo, das vias congestionadas, das taxas de homicídios, entre outros setores que no passado contribuíram para a fama nacional e internacional, “Curitiba teve muitas marcas e hoje precisa se reinventar. A cidade precisa mostrar seus pontos fortes. Curitiba já foi cidade sorriso, cidade modelo, cidade da mobilidade e ecológica. Mas isso não pode ser apenas uma marca [...]” (TELLES, apud MARCHIORI, 2014, s\p).

A cidade de Curitiba vem sofrendo grandes transformações nas últimas décadas, e é necessário acompanhar essas mudanças constantes que vêm acontecendo, decorrendo principalmente do aumento da população.

⁷ Agência de notícias da Prefeitura de Curitiba. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/>

5. ADENTRANDO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS PARA A INFÂNCIA

Considerando a criança como sujeito social e histórico, capaz de produzir cultura e de construir seus conhecimentos a partir das relações que estabelece com os outros e o meio, consideramos também crucial que as crianças tenham possibilidades e condições de acesso e contato com áreas livres, corroborando com Tiriba (2010) que afirma que as crianças só se constituirão como sujeitos de seus corpos e de seus movimentos, se forem sujeitos dos espaços naturais e sociais onde vivem e convivem.

É, portanto neste sentido, que esta pesquisa vem problematizar e analisar a oferta de espaços públicos para as crianças no município de Curitiba, a fim de analisar as possibilidades que oferecem para as vivências das crianças de zero a seis anos de idade. Segundo estudo realizado por Moro em 2012 dos 21(vinte e um) parques na grande Curitiba, apenas 09 (nove) possuíam parques infantis.

Após escolhido os campos de pesquisa, visitamos os espaços para a realização de observação e registros, objetivando sistematizar informações sobre as características dos espaços e as possibilidades que oferecem para as crianças.

5.1 PARQUE LAGO AZUL: UM ESPAÇO DE POSSIBILIDADES

A primeira visita de campo foi realizada no Parque Lago Azul, na sexta-feira, dia 05.06.2015, após o feriado nacional de Corpus Christi que ocorreu na quinta-feira anterior a data escolhida para a observação.

O Parque Lago Azul situa-se no bairro Ganchinho, na região Sul de Curitiba, e segundo dados do perfil físico-territorial e socioeconômico dos bairros de Curitiba (Nosso Bairro) organizado e publicado pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) este ano, o bairro do Ganchinho conta com 11.178 habitantes e 3.440 domicílios, tendo como área 1.136 hectares (11,36 km²), equivalente a 2,61% do território de Curitiba e densidade demográfica de 9,84 hab/ha. Conta ainda com 5,03 milhões m² de área verde equivalente a 4,95% das áreas verde de Curitiba,

sendo duas áreas verdes públicas, para a média de 14,18 área verde/bairro⁸. De sua população 9,03% são crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e 9,67% são crianças de 5 a 9 anos de idade.

Quanto à renda do bairro, a maior porcentagem refere-se aos domicílios que possuem rendimento nominal mensal per capita de mais de 1 a 2 salários mínimos⁹ (29,16%).

GRÁFICO 1 - Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Ganchinho

RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários (SM)

Curitiba



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

Ganchinho



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

FONTE: IPPUC (2015)

Em nossa observação de campo, primeiramente, procuramos percorrer todo o parque, identificando e explorando sua estrutura física. Percebemos que o parque possui ricas condições e possibilidades, o mesmo conta, dentre outras estruturas, com

⁸ Sempre que nos referirmos a média de áreas verdes por bairro, tomamos como referência o total de 1.064 áreas verdes públicas de Curitiba para 75 bairros segundo levantamento do IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, com base nos dados da Secretária Municipal do Meio Ambiente.

⁹ Sempre que nos referirmos a salário mínimo tomamos como referência o valor de R\$510,00 (quinhentos e dez reais) conforme informação obtida pelo IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

uma vasta área verde, na qual as pistas de caminhada dão acesso e aproximam os indivíduos da natureza. Além da pista da caminhada, o parque conta com um mirante de madeira no seu ponto mais alto, de onde pode-se visualizar todo o lago, além do deck que acompanha o entorno do lago que possui proximidade ao parque e também o trapiche.



FIGURA 14 - PISTA DE CAMINHADA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 15 - MIRANTE (CANTO DIREITO) E VISTA DO LAGO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 16 - LAGO E TRAPICHE
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Estas estruturas, disponíveis no parque, chamaram a nossa atenção pela riqueza de possibilidades de contato com a natureza, considerando tamanha abrangência das mais diversas dimensões.

Além destes espaços, o Parque Lago Azul conta também com um parque infantil instalado sobre chão de areia, construído com troncos de árvores e brinquedos de ferro, onde encontramos o maior número do público infantil e onde passamos aproximadamente 1 hora observando.

O espaço do brinquedo multifuncional conta ainda em seu entorno com três bancos, também construídos de troncos de árvores, onde as famílias e responsáveis pelas crianças podem sentar-se para observá-las brincar livremente.

Chamamos aqui a atenção para a condição de conservação e manutenção do parque, principalmente do brinquedo multifuncional, considerando este último o espaço mais utilizado pelas crianças. Percebemos durante a observação que haviam poucos reparos a serem feitos, condição esta, que enriquece ainda mais o interesse das crianças, pois além de se tratar de um espaço convidativo, demonstrou-se também seguro. Entendendo, portanto, que os espaços destinados às crianças nos parques em Curitiba “[...] precisam ser capazes de atrair a criança por seus aspectos de segurança, forma, cor e ludicidade” (LAUFER, 2001, p. 24 apud MORO, 2012, p.30).

Salientando ainda, como visto no levantamento legislativo, o dever legal da sociedade, da família e do poder público em assegurar às crianças a efetivação dos direitos referentes ao lazer, à cultura, e à convivência familiar e comunitária (BRASIL,

1990), bem como a garantia do direito da criança em brincar em espaços públicos, com segurança e qualidade: “(...) os municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude” (BRASIL, 1990).

Durante a observação, primeiramente nos chamou a atenção a estrutura do brinquedo, por se tratar de uma construção feita com elementos naturais, oferecendo a oportunidade de exploração e descoberta, rompendo com a comum ideia e presença de parques infantis convencionais, feitos com brinquedos prontos; proporcionando às crianças o contato com o diferente, o inusitado, permitindo a interação com a natureza, provocando a curiosidade, desenvolvendo a criatividade e enriquecendo o repertório das brincadeiras. “Nos espaços externos as crianças são instigadas a observar e experimentar a diversidade de texturas, sons, cores e sabores, realizando descobertas e encontrando desafios, encantando-se e maravilhando-se com a natureza” (MONTEIRO; RODRIGUES, 2015, p. 273).



FIGURA 17 - VISTA DO PARQUE INFANTIL (1)
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 18 - VISTA DO PARQUE INFANTIL (2)
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Percebemos durante a observação que no espaço do brinquedo multifuncional as crianças se relacionam de maneira única, que provavelmente não aconteceria em outros espaços, elas brincam, conversam e dividem espaços com outras crianças até então desconhecidas.

Essas relações são fundamentais para o seu processo de socialização, pois desde o nascimento estamos expostos a situações que influenciam a formação do sujeito, essa formação é uma construção partilhada, na qual tanto a criança quanto seus parceiros se constroem nas interações que estabelecem. (OLIVEIRA; ROSSETI-FERREIRA, 1993, p. 63). Defendemos que esses processos são singulares e complexos, envolvendo fatores externos que não dependem unicamente da criança.

Nesse sentido, o brinquedo multifuncional caracterizou-se um espaço de possibilidades, desafios e estabelecimento de relações, não houve ali, durante a observação, apenas o uso de sua estrutura com a finalidade de cada brinquedo, mas as crianças exploraram o ambiente, diversificando e criando novas brincadeiras a partir do que o parque oferta.

Um dos espaços que nos chamou a atenção foi o local onde estão os diferentes troncos espalhados lado a lado, com desníveis entre si, explorados e apropriados pelas crianças de diversas formas. Como mostra o registro fotográfico a seguir, os troncos eram utilizados como um grande desafiador, para que a criança escolhesse no qual pisar, pulando de tronco em tronco, explorando sua capacidade de equilíbrio, escolha e construção de estratégia. Corroborando com Ana Lucia Goulart de Faria (1999, p. 79):

O espaço, externo e interno, deve permitir o fortalecimento da independência das crianças: mesmo sendo seguro, não precisa ser ultraprotetor, isto é, em nome da segurança não deve impedir experiências e obstáculos que o ambiente proporciona.



FIGURA 19 - TRONCOS COM DESNÍVEIS
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 20 - EXPLORAÇÃO DOS TRONCOS (1)
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 21 - EXPLORAÇÃO DOS TRONCOS (2)
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

No mesmo espaço, as brincadeiras giram em torno da disponibilidade dos brinquedos, algumas em formato semelhante a de um circuito, outras em apenas uma parte do brinquedo, outras exploram os objetos naturais, tais como areia, galhos, grama, entre outros; misturando-os com os brinquedos convencionais ou transformando-os em objetos simbólicos, que constituem brincadeiras em assimilações da vida real.

O ambiente social possibilita tais experiências e mais, transforma e configura muitos significados para as crianças, pois estas empregam sentido às situações de reprodução interpretativa dos adultos e partilham com seus pares.

A concepção de reprodução interpretativa de Corsaro (2002) entende que a criança não imita o adulto, mas ela vai muito além disso, se apropria de informações do mundo adulto para criar e reinventar por meio do faz de conta.

Assim, entendemos que aquelas brincadeiras que são do cotidiano familiar ou culturais são transmitidas aos seus pares, porém é a criança que interioriza como brincar, o que usar, que sentido dar, sendo assim não é mera imitação das ações dos adultos.

As brincadeiras que surgiram no decorrer da observação traziam muitas das características da reprodução interpretativa, com a criança fazendo uso do território em que está, imaginando uma situação que passa a fazer sentido a partir do que ela vai construindo: um tronco cheio de areia, vira um painel de arroz, onde duas meninas se

aproximam e brincam de faz de conta, buscando outros elementos naturais para enriquecer o repertório da brincadeira: o tronco vira uma panela, a areia representa o arroz, a terra mais escura o molho e pedaços de grama tornam-se temperos:

[...] as crianças em suas relações com e no espaço recorreram ao faz-de-conta, a imaginação, imprimindo suas marcas no espaço e, ao fazê-lo, demonstram que têm outro jeito, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído: vão inventando, inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos, encontrando novos jeitos de se relacionar com seus objetos e pessoas, sua organização [...]. (AGOSTINHO, 2004, p. 8 apud MONTEIRO; RODRIGUES; 2015, p.275)

Crianças de diferentes idades e adultos exploraram o espaço do brinquedo, o qual se mostrou convidativo, contemplando o convívio e propício para as mais diversas interações, onde as crianças puderam manifestar seus interesses e escolher com quem e do que brincar, (re)construindo enredos, experimentando e explorando as mais diversas variações existentes no contato com a natureza. Nessa perspectiva conforme Faria (1999, p. 79) acreditamos que:

Criar o sentido de pertencimento a natureza será favorecido por atividades com os quatro elementos: água, terra, ar e fogo. Em vez de simplesmente omiti-las porque são consideradas perigosas, poderemos, em nome de objetivos pedagógicos essenciais como o sentir-se natureza, aprender juntos, adultos e crianças, como aventurar-se no (dito) perigo sem machucar-se.



FIGURAS 22 e 23 - BRINCADEIRA E INTERAÇÃO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Como registrado em fotografia, o menino brinca, primeiramente sozinho, de enterrar seu carrinho dentro do tronco, acumulando areia sobre ele; em seguida a menina se aproxima dele e participa com interesse da brincadeira:

- Enterra esse, ó! - mexendo no interior do tronco, complementa:
 - Não mexe aí! Não mexe, que é para enterrar... - puxa mais alguns punhados de areia do chão, e coloca no tronco, concluindo:
 - Pronto! Agora o caminhão! - e pega o outro brinquedo. (Diário de campo, 05/06/2015)

Percebemos a espontaneidade com que as crianças agem nos espaços do brinquedo multifuncional, elas se movimentam, conversam, criam e recriam ações e brincadeiras. É neste sentido, que concordamos com Faria (1999, p.78 grifos nossos): “A criança gosta de ficar sozinha, gosta de ficar com adultos, mas do que ela mais gosta é de ficar brincando com seus pares, imitando, reproduzindo e recriando, enfim, criando cultura infantil.”

Neste viés, o Parque Lago Azul revelou-se um espaço rico em possibilidades de interação entre os sujeitos, e destes com a natureza, permitindo a criação de brincadeiras diversificadas, proporcionando experiências diversas, através das escolhas das crianças, que re(criam) seus repertórios de brincadeiras.

5.2 PARQUE DA BARREIRINHA: UM ESPAÇO A SER CUIDADO

A segunda visita de campo foi realizada no Parque da Barreirinha, no sábado, dia 27.06.2015, no período da manhã. O parque situa-se no bairro Barreirinha na região Norte de Curitiba, e segundo dados do perfil físico-territorial e socioeconômico dos bairros de Curitiba (Nosso Bairro) organizados e publicados pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) este ano, o bairro da Barreirinha conta com 18.017 habitantes e 6.307 domicílios, tendo como área 362 hectares (3,62 km²) equivalente a 0,83% do território de Curitiba e densidade demográfica de 49,76 hab/ha. Conta ainda com 1,07 milhão m² de área verde equivalente a 1,06% das áreas verde de Curitiba sendo treze áreas verdes públicas, para a média de 14,18 área verde/bairro.

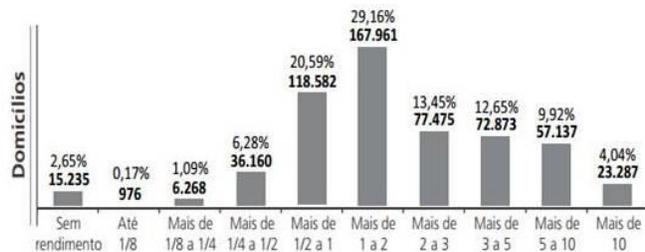
De sua população 5,63% são crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e 5,87% são crianças de 5 a 9 anos de idade. Quanto a renda, a maior porcentagem refere-se aos domicílios que possuem rendimento nominal mensal per capita de mais de 1 a 2 salários mínimos (34,75%).

GRÁFICO 2: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Barreirinha

RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos⁵ (SM)

Curitiba



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

Barreirinha



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010
Elaboração: IPPUC - Banco de Dados

FONTE: IPPUC (2015)

Ao chegarmos no parque, como na primeira observação, procuramos inicialmente percorrer todo o espaço do parque, identificando e explorando sua estrutura física.

Percebemos que o parque possui uma vasta área de arvoredos, entre os quais há uma pista para caminhada\corrida, a qual encontrava-se bem danificada, nos levando a considerar que o parque precisa de manutenção. O parque ainda conta com uma quadra de areia, lagos com animais soltos, um parque infantil e alguns brinquedos unifuncionais espalhados por entre as árvores e a pista de caminhada.



FIGURA 24 - PISTA DE CAMINHADA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 25 - QUADRA DE AREIA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 26 - LAGO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 27 - PARQUE INFANTIL
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES(2015)



FIGURAS 28, 29, 30, 31 - BRINQUEDOS INSTALADOS PELO PARQUE
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

O parque da Barreirinha conta com um parque infantil convencional e alguns brinquedos unifuncionais isolados instalados no seu espaço; durante a observação o parque se encontrava praticamente vazio, não constatamos presença de crianças, mas apenas de adultos praticando atividades físicas na pista de corrida. E apesar de não termos observados o uso do espaço por crianças, enquanto observadoras e pesquisadoras dos espaços externos, consideramos o espaço do Parque da Barreirinha pouco instigante, pobre de oportunidades e exploração:

[...] pois apesar de sabermos o quão criativas são as crianças, também reconhecemos que elas criam a partir das bases a elas disponibilizadas, sabemos também da importância de valorizar e oportunizar diferentes materiais de exploração, criação e faz-de-conta, pois quanto mais rica as condições das

crianças, maior será sua oportunidade de enriquecer também o repertório de suas brincadeiras. (MONTEIRO; RODRIGUES; 2015, p. 269)

É, portanto, neste sentido, que corroboramos com Faria (1999) ao considerar que os espaços das instituições de Educação Infantil precisam tornar-se ambientes, considerando também os espaços públicos de vivências:

[...] isto é, ambientar as crianças e os adultos: variando em pequenos e grandes grupos de crianças, misturando as idades, estendendo-se às ruas, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo as exigências das atividades programadas, individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto(s) e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisito, os saberes espontâneos infantis. (FARIA, 1999, p. 70-71 grifos nossos).

Com isso reforçamos a defesa por espaços propícios e satisfatórios para as crianças, capazes de deixar a imaginação fluir, sem restringir ou manipular ações e intenções, ambientes simples, porém ricos de possibilidades, que ofereçam condições de segurança e conforto para as crianças e seus acompanhantes, possibilitando momentos de prazer.

Neste viés, concordamos com Gonçalves et al. (2007, p. 8 apud MORO, 2012, p.112-113) que:

[...] tão importante quanto a disponibilização de novos espaços públicos de lazer, é a necessidade do desenvolvimento de políticas de recuperação e manutenção dos espaços já disponíveis no meio urbano, pois a falta de cuidados com os espaços influencia diretamente no uso, dificultando a apropriação efetiva por parte dos usuários. (grifos nossos)

A ausência do público infantil em conjunto à falta de manutenção do espaço do parque, levou-nos a considerar o espaço do Parque da Barreirinha, um espaço a ser cuidado, pois não oferta outras possibilidades além dos brinquedos unifuncionais, que se encontraram enferrujados e em más condições de uso.

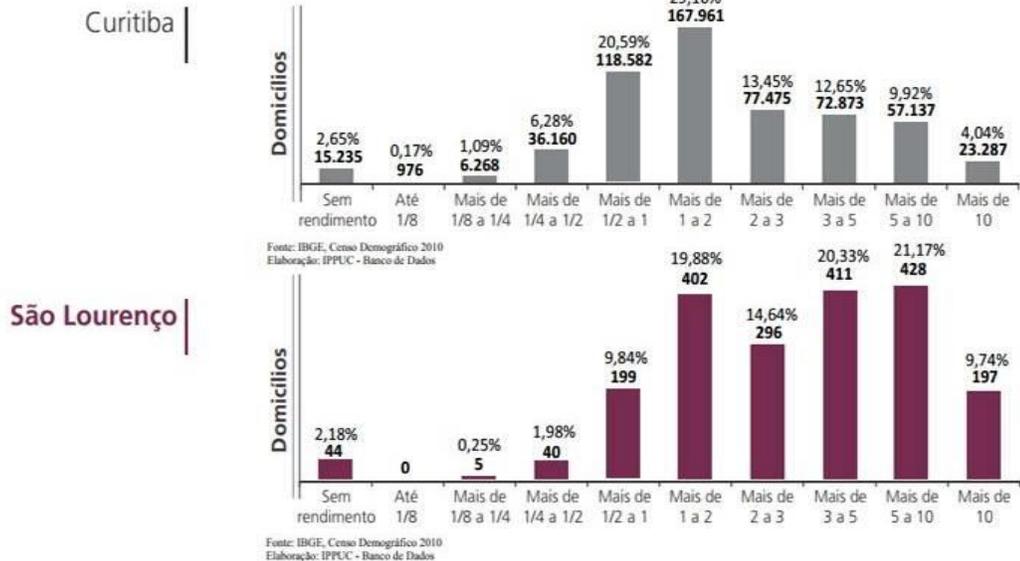
5.3 PARQUE SÃO LOURENÇO: UM ESPAÇO DE PLURALIDADE

A visita ao terceiro espaço público ocorreu no mesmo sábado, dia 27.06.2015, pelo período da manhã, ao Parque São Lourenço, pois após termos observado o parque da Barreirinha e não tendo encontrado condições de interesse para a exploração das crianças, e considerando que o mesmo “liga-se” ao Parque São Lourenço através da ciclovia que interliga a região Norte ao Centro da cidade, consideramos o Parque São Lourenço um espaço de interesse para a pesquisa, pois une cultura, esporte, lazer e natureza no mesmo espaço. O parque situa-se no bairro São Lourenço, e segundo dados do perfil físico-territorial e socioeconômico dos bairros de Curitiba (Nosso Bairro) publicados pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) este ano, o bairro São Lourenço conta com 6.276 habitantes e 2.233 domicílios, tendo como área 43.467 hectares (434,67 km²) equivalente a 0,52% do território de Curitiba e densidade demográfica de 40,30 hab/ha. Conta ainda com 645,25 mil m² de área verde equivalente a 0,64% das áreas verde de Curitiba, sendo doze áreas verdes públicas, para a média de 14,18 área verde/bairro. De sua população 4,69% são crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e 5,35% são crianças de 5 a 9 anos de idade. Quanto a renda, a maior porcentagem refere-se aos domicílios que possuem rendimento nominal mensal per capita de mais de 5 a 10 salários mínimos (21,17%).

GRÁFICO 3: Domicílios por classes nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro São Lourenço.

RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos⁵ (SM)



FONTE: IPPUC (2015)

Ao chegarmos no parque, como nas demais observações, procuramos inicialmente percorrer todo o seu espaço, identificando e explorando sua estrutura física, bem como o uso feito pelas crianças ali presentes.

Percebemos que o parque possui uma vasta área verde e também um lago central com presença de alguns animais. O parque ainda conta com uma quadra de areia, um parque infantil destinado às crianças maiores de oito anos de idade, uma academia ao ar livre, pista de caminhada e pista para carrinho de rolimã. Ainda nos chamou atenção, que no dia da observação o parque encontrava-se em manutenção do calçamento e grama, bem como a implantação de um novo sistema de iluminação, entregue à população no dia 17 de agosto deste ano. O sistema de iluminação inteligente é um projeto piloto, que permitirá a economia no gasto com a energia, sem comprometer a iluminação e segurança do parque:

A nova iluminação do parque é acesa no final da tarde e assim permanece até as 22 horas, quando o local é fechado para o público. A partir desse horário o sistema de automação passa a funcionar, diminuindo progressivamente o número de luminárias ligadas. “No fechamento do parque, o sistema desliga

automaticamente 50% da iluminação, permanecendo ligadas luminárias de forma alternada. Da meia noite às 6 horas, o sistema baixa para 30% do total. Isso pode ser alterado, dependendo das circunstâncias”, explica o diretor de Iluminação da Secretaria Municipal de Obras Públicas, Fábio Ribeiro de Camargo. (CURITIBA, 2015, s/p)



FIGURA 32 - QUADRA DE AREIA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURAS 33 E 34 PARQUE INFANTIL DESTINADO A CRIANÇAS MAIORES DE OITO ANOS E PLACA INDICATIVA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 35 - ACADEMIA AO AR LIVRE
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 36 - CICLOVIA QUE CIRCUNDA O LAGO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 37 - LAGO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 38 - PISTA DE CARRINHO DE ROLIMÃ
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

O parque São Lourenço, chamou-nos a atenção pela pluralidade ofertada, percebemos durante a observação de campo que a exploração realizada pelas crianças não se deu única e exclusivamente no espaço do parque infantil, mas ao contrário, a presença das crianças bem como a sua exploração dos espaços aconteceu por todo o parque, encontramos crianças andando de bicicleta pela ciclovia, descendo pela pista de rolimã acompanhadas de adultos, balançando nos aparelhos de academia ao ar livre, explorando o contato com a natureza e também brincando no parque infantil.

Os registros fotográficos nos permitem identificar o contato das crianças com a natureza; na primeira foto a criança caminha pelo gramado, explorando a amplitude do espaço, bem como a textura da grama. Já na segunda imagem, a criança, com o auxílio de um adulto prepara sua pipa para empiná-la, explorando o contato com diferentes elementos da natureza: a grama, o vento, o sol.



FIGURA 39 - CRIANÇA CAMINHADO PELO GRAMADO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 40 - CRIANÇA BRINCANDO DE PIPA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

No espaço do parque infantil, os brinquedos encontram-se instalados sobre chão de areia, e encontramos brinquedos unifuncionais tais como balanços, gangorras e gaiola gínica, conhecida popularmente como trepa-trepa; e um brinquedo multifuncional construído de metal, cercado por um banco de cimento, conforme a imagem de registro:

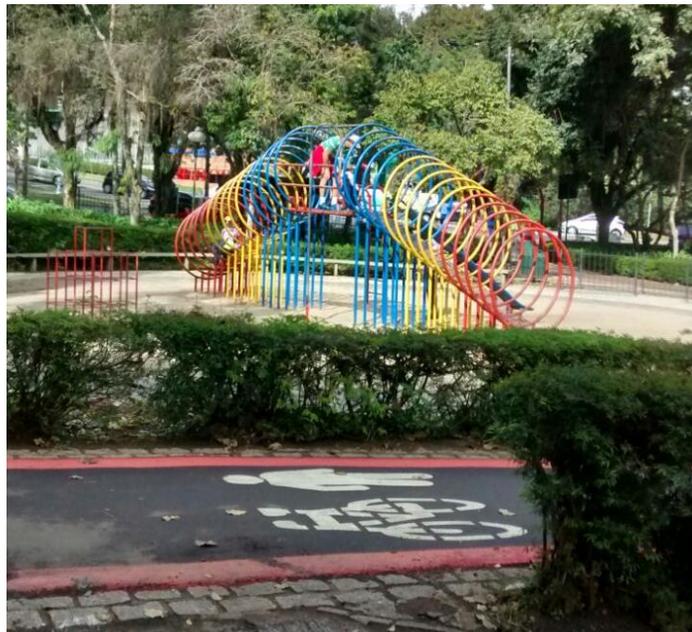


FIGURA 41 - BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Permanecemos observando este espaço por um período de aproximadamente 1 hora, e presenciamos a exploração destes brinquedos por crianças maiores, ou então, por crianças menores acompanhadas por adultos, que se preocupavam com a segurança das crianças na exploração do brinquedo suspenso. O brinquedo multifuncional apesar de instigar o interesse das crianças, não permitiu a criação de diferentes enredos de brincadeiras, ao contrário, as crianças o exploravam a título de curiosidade e tão logo dali se afastavam. Ainda no espaço de parque infantil, encontramos um pequeno labirinto edificado, onde mãe e filho brincam de esconde-esconde:

- Ah, 31 meu! - Diz a mãe, batendo na mureta ao encontrar o filho.
 - Nove, dez... lá vou eu! Vou te pegar! - Diz o menino dando continuidade a brincadeira, enquanto a mãe abaixada entre as muretas grita:
 - 31 meu! - e complementa:
 - Não vou te pegar. - Demonstrando-se cansada e desistindo da brincadeira.
 Chateado com a mãe o menino reclama:
 - Ah, a mãe não aguenta!
 E os dois se afastam dali. (Diário de campo, 27/06/2015)



FIGURA 42 - LABIRINTO

FONTE: <http://www.parquesepracasdecuritiba.com.br/images/saolourenco08.jpg>

As observações realizadas no espaço do Parque São Lourenço, nos permitiram identificar diversas oportunidades de exploração e experiências às crianças, sem que estas fiquem restritas ao parque infantil ou a determinados brinquedos, mas ao contrário, mesmo que os equipamentos não fossem planejados para o uso do público infantil, como é o caso dos equipamentos da academia ao ar livre, as crianças se

apropriaram deles e (re)significaram seu uso, da mesma maneira que o labirinto foi utilizado como cenário para a brincadeira de esconde-esconde.

Portanto, mesmo os brinquedos sendo planejados para um fim em específico, caberá a partir da iniciativa de cada criança que se apropria dele aceitar ou alterar essa função, daí a importância em oferecer a maior variedade possível de brinquedos para as crianças, para que elas possam apropriar-se e (re)apropriar-se deles, incorporando durante estes momentos valores morais e culturais. (MORO, 2012, p.126)

Embora o Parque São Lourenço ofereça diversas oportunidades de vivências às crianças, notamos que seu parque infantil demonstrou-se pouco instigante, com poucas possibilidades de uso, o brinquedo multifuncional foi pouco explorado, além de ser “destinado” às crianças mais velhas - o que nos faz acreditar que seja por motivo de segurança devido a distância entre as argolas e a altura em relação ao chão - o parque infantil apresentou pouca variedade de oferta e conseqüentemente de uso.

5.4 BOSQUE REINHARD MAACK: UM ESPAÇO DE DESAFIOS

A quarta visita de campo foi realizada no Bosque Reinhard Maack, no sábado, dia 07.11.2015, no período da tarde. O parque situa-se no bairro Hauer na região Sul de Curitiba, e segundo dados do perfil físico-territorial e sócioeconômico dos bairros de Curitiba (Nosso Bairro) publicados pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) este ano, o bairro Hauer conta com 13.315 habitantes e 4.877 domicílios, tendo como área 399 hectares (3,99 km²) equivalente a 0,92% do território de Curitiba e densidade demográfica de 33,37 hab/ha. Conta ainda com 443,24 mil m² de área verde equivalente a 0,44% das áreas verde de Curitiba sendo seis áreas verdes públicas, para a média de 14,18 área verde/bairro. De sua população 5,23% são crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e 5,63% são crianças de 5 a 9 anos de idade. Quanto a renda, a maior porcentagem refere-se aos domicílios que possuem rendimento nominal mensal per capita de mais de 1 a 2 salários mínimos (30,45%).

GRÁFICO 4: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Hauer.

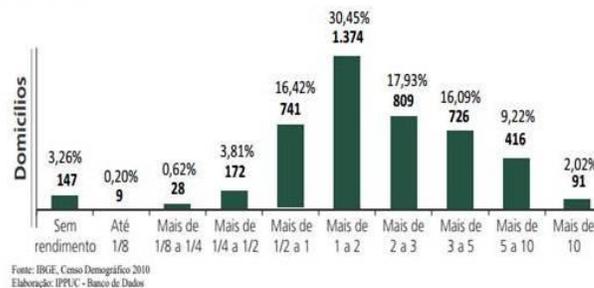
RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos⁵ (SM)

Curitiba



Hauer



FONTE: IPPUC (2015)

Antes mesmo de decidirmos a data para visitar o Bosque, nossa preocupação era encontrar uma data de final de semana em que o clima de Curitiba estivesse favorável para a observação, considerando a informação obtida no site da Prefeitura de Curitiba¹⁰ que o bosque não abre nos dias de chuva e nos três dias seguintes por motivo de segurança aos visitantes, pois as trilhas se tornam escorregadias. Ao conseguirmos uma data para visitar o bosque, apesar do tempo no dia da observação estar ameno e sem chuva, o bosque encontrava-se fechado para o público devido a semana que antecedeu o sábado da visita ter sido chuvosa. E embora o bosque estivesse fechado para o público, conseguimos autorização para visitar o espaço e observar o que o mesmo oferta através do Grupo de Escoteiro Pindorama - com sede anexa ao parque e realização de atividades aos sábados das 14h às 17h - que nos orientou a manter cuidado ao percorrer a trilha devido a mesma ser escorregadia e

¹⁰ <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-reinhard-maack/281>

estar fechada, sem a presença dos responsáveis da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Curitiba.

Percorremos então a trilha explorando, observando e registrando nossas considerações a cada elemento encontrado por um tempo aproximado de 1 hora. A trilha, como mostra a foto da placa indicativa, inicia e termina no mesmo ponto, na choupana onde encontram-se os sanitários.



FIGURA 43 - PLACA INDICATIVA BOSQUE REINHARD MAACK
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 44 - CHOUPANA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Ao iniciarmos a trilha nos chamou a atenção para a sinalização da trilha escorregadia e também para a condição de preservação ambiental, com placas de identificação da variedade da vegetação ali presente, misturando a diversão e a aventura com a educação ambiental, preservação e respeito pela natureza.



FIGURA 45, 46, 47 - PLACAS DE IDENTIFICAÇÃO DA VEGETAÇÃO
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

A trilha, que de fato encontrava-se escorregadia, nos causou encantamento enquanto pesquisadoras, e apesar de termos percebido a necessidade de manutenção em alguns pontos e brinquedos, nos maravilhamos com o inusitado e o desafiador dos brinquedos encontrados.

Para melhor problematização do espaço observado, apresentaremos a seguir os brinquedos encontrados:

1. Gongo - instrumento suspenso por correntes, com a intencionalidade de que os sujeitos usem a lateral (escadas) para chegar até o disco e tocar o instrumento.



FIGURA 48 - GONGO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

2. Pesca - não conseguimos compreender a intencionalidade do segundo brinquedo da trilha, uma vez que o mesmo possui uma roldana presa na haste superior, o que indica a necessidade do uso de corda, como não há placas indicando o modo de uso dos brinquedos, e o responsável da Prefeitura Municipal não estava presente para nos informar, não pudemos fazer considerações acerca da intencionalidade e das condições de conservação do brinquedo.



FIGURA 49 - PESCA
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

3. Teleférico - estrutura construída basicamente de troncos, com uma corda amarrada de uma trave a outra, servindo como a sustentação do pneu que corre pela mesma e serve como assento; o que impulsiona o pneu é o peso do próprio corpo juntamente com a diferença de níveis entre as traves de início e fim.



FIGURA 50, 51 - TELEFÉRICO
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

4. Alvo - na mesma condição do segundo brinquedo, sem indicação de uso, não conseguimos identificar a intencionalidade do mesmo, bem como avaliar se requer algum tipo de manutenção.



FIGURA 52 - ALVO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

5. Trampolim - uma prancha comprida de tronco que se liga a um escorregador metalizado projetado sobre uma caixa de areia, aqui o que chama atenção é a estrutura dos troncos em escada para chegar até o topo.



FIGURA 53 - TRAMPOLIM
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

6. Gangorra - com a mesma funcionalidade de gangorras construídas de metal, essas são feitas com troncos, o que chama atenção para a presença de elementos da natureza na constituição dos brinquedos.



FIGURA 54 - GANGORRAS
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

7. Salto - uma plataforma de troncos elevada, de onde impulsionado por uma corda, pode-se saltar numa caixa de areia.



FIGURA 55 - SALTO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

8. Peso - da mesma forma como o segundo e quarto brinquedo, sem indicativo de uso, não conseguimos identificar a intencionalidade do mesmo. Aqui percebemos também a necessidade de manutenção, uma vez que estava faltando a placa indicando o nome do brinquedo.



FIGURA 56 - PESO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

9. Muralha - um paredão constituído de troncos posicionados lado a lado, com diferentes níveis entre si e com cortes para apoio dos pés e mãos, onde pode-se tentar atravessar de tronco em tronco equilibrando-se. Aqui também não havia a placa do nome do brinquedo.



FIGURA 57 - MURALHA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

10. Travessia - composta por uma ponte fixa, suspensa sobre um córrego. Ao final da ponte, um caminho de troncos, posicionados na vertical, com diferentes níveis entre si, levavam até uma estrutura de troncos, posicionados na horizontal, suspensos um a um com correntes metálicas permitindo o balanço dos mesmos ao serem pisados.



FIGURA 58 - TRAVESSIA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)





FIGURAS 59, 60, 61 - ELEMENTOS DA TRAVESSIA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

11. Hexágono - como o nome indica, uma estrutura com seis lados; com correntes metálicas entrelaçadas e amarradas na parte superior e inferior da estrutura. Aqui encontramos diversas possibilidades de uso, onde pode-se tentar caminhar por sobre as correntes inferiores, desviando as pernas por entre elas, ou passar por baixo, rastejando sob elas, ou ainda pode pendurar-se nas correntes superiores.





FIGURAS 62, 63 - HEXÁGONO
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

12. Escalada - em um acive do terreno, uma estrutura de troncos posicionados lado a lado acompanham a inclinação, por onde pode-se subir apoiando-se numa corrente que acompanha o brinquedo.



FIGURA 64 - ESCALADA
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

13. Túnel - posicionado em uma parte de desnível do terreno, o túnel começa com os troncos próximos do chão e termina com troncos elevados do chão, onde há uma escada para a saída do mesmo.



FIGURAS 65, 66 - TUNEL
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

14. Escorregador - uma ponte suspensa por troncos de madeira dá acesso ao escorregador ondulado, ou se tem a opção de passar pela lateral do escorregador, onde outra ponte dá acesso a continuação da trilha.



FIGURAS 67 E 68 - ESCORREGADOR
 FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

15. Mirante - como o próprio nome indica, é um ponto elevado, que permite uma visão do panorama do bosque.



FIGURA 69 - MIRANTE
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

16. Argola - suspensa em bases de madeira, é formada por arcos lado a lado espaçados entre si, possibilita brincadeiras de equilíbrio e exploração, podendo-se passar por entre meio ou ainda pendurar-se nas argolas.



FIGURA 70 - ARGOLA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Durante a nossa observação de campo no Bosque, embora estivesse fechado para o público, percebemos ali um espaço convidativo, com uma gama muito rica e

diversificada de condições para as crianças, ao permitir diferentes possibilidades para as brincadeiras, de maneira que as crianças possam explorar e vencer desafios. Ao percorrermos o espaço do Bosque e conhecermos o que o mesmo oferta, consideramos que ao fazer uso deste espaço revela-se a possibilidade do sujeito observar, experimentar, tocar, questionar, (re)conhecer habilidades e limitações, exercitar desafios que permitirão vivências capazes de construir conhecimentos e atitudes (FARIA e SHUVARTZ, 2001, s/p).

Outra questão que nos chamou a atenção durante a observação, foi a iluminação feita na trilha, por estar inserida em meio a mata, a trilha não conta com iluminação artificial, desta forma, todos os brinquedos estão posicionados em lugares estratégicos onde a mata favorece a iluminação natural, enriquecendo ainda mais o contato com elementos naturais, no caso, a claridade do sol. Nesta perspectiva, concordamos com Gonçalves, Lemes e Aragão (2014, p. 232), ao afirmarem que “a exploração de diferentes elementos naturais mostra-se uma possibilidade de desenvolver na criança a sensibilidade, a expressividade, as percepções sensoriais e espaciais, as emoções e o movimento”.

Em contrapartida à riqueza de possibilidades que o bosque oferta, nos chamou a atenção a condição da trilha onde encontram-se os brinquedos, pois a mesma é escorregadia, e desta forma acaba por impedir a exploração do bosque e o uso dos brinquedos devido o mesmo permanecer fechado em dias chuvosos ou na presença de umidade na trilha, apesar desta condição ser necessária para a segurança dos usuários, é preciso que os espaços públicos, bem como os equipamentos que ofertam sejam seguros e facilitadores para o uso das crianças.

5.5 PARQUE NATURAL MUNICIPAL VISTA ALEGRE: UM ESPAÇO PADRONIZADO

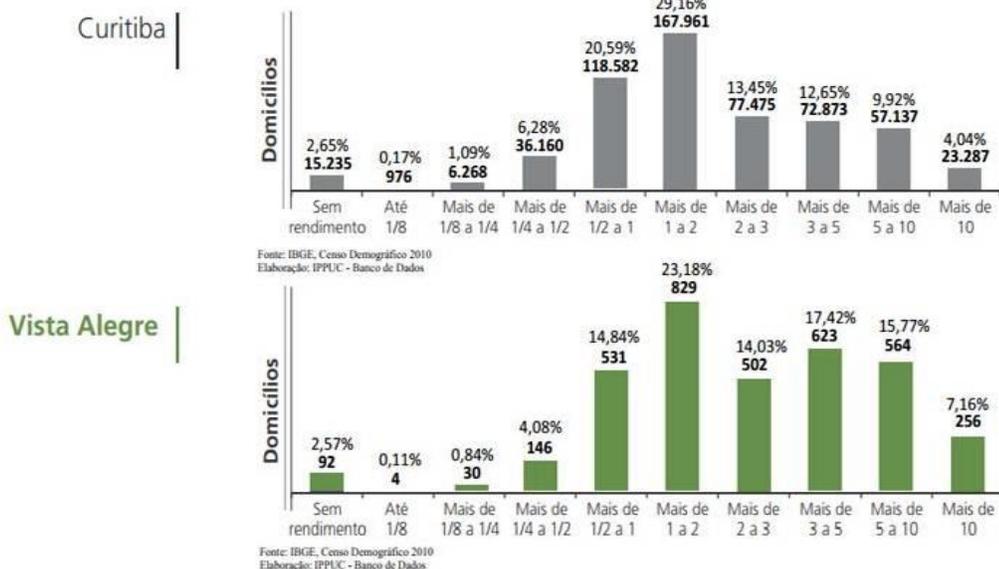
A quinta visita de campo foi realizada no Parque Natural Municipal Vista Alegre, também no sábado, dia 07.11.2015, no período da tarde. O parque situa-se no bairro Vista Alegre na região Norte de Curitiba, e segundo dados do perfil físico-territorial e socioeconômico dos bairros de Curitiba (Nosso Bairro) publicados pelo IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba) este ano, o bairro conta com 11.199

habitantes e 3.885 domicílios, tendo como área 370 hectares (3,70 km²) equivalente a 0,85% do território de Curitiba e densidade demográfica de 30,28 hab/ha. Conta ainda com 1,08 milhão m² de área verde equivalente a 1,06% das áreas verde de Curitiba sendo dezessete áreas verdes públicas, para a média de 14,18 área verde/bairro. De sua população 5,71% são crianças na faixa etária de 0 a 4 anos e 5,86% são crianças de 5 a 9 anos de idade. Quanto a renda, a maior porcentagem refere-se aos domicílios que possuem rendimento nominal mensal per capita de mais de 1 a 2 salários mínimos (23,18%).

GRÁFICO 5: Domicílios por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos - Bairro Vista Alegre

RENDA

Domicílios⁴ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita em salários mínimos⁵ (SM)



FONTE: IPPUC (2015)

Como explicitado anteriormente, o interesse em observar o parque Vista Alegre surgiu na oportunidade de analisar um espaço público recém-inaugurado, desta forma o foco desta observação foi considerar o que o espaço oferta ao público infantil, levando em conta, que por se tratar de um espaço novo, o mesmo deveria servir como referência e inovação.

Enquanto observadoras, ao chegarmos no parque percebemos uma estética muito favorável, com um belo portal de entrada, estacionamento exclusivo com pintura recente das faixas de sinalização e pista de caminhada com calçamento novo. Seguindo o foco da pesquisa, percorremos o espaço do parque em busca de analisar a oferta de condições para o público infantil.

A pista de caminhada, construída entre a mata, atravessa o parque de uma ponta a outra, ligando os dois portais de entrada e os estacionamentos, a pista que não é longa, permite acesso ao parque infantil e ao deck da cachoeira.

Após percorremos o espaço do parque, permanecemos observando o espaço do parque infantil por aproximadamente 1 (uma) hora.

O espaço do parque infantil conta com um brinquedo multifuncional de base de troncos com brinquedos de ferro, composto por basicamente um escorregador, e escadas laterais, sendo uma de madeira, uma de metal fixo e outra de correntes que possibilita a escalada até as plataformas elevadas. O brinquedo está instalado sobre um piso de areia, cercado por um belíssimo deck de madeira com bancos fixados, de onde os responsáveis pelas crianças que ali brincavam podiam acompanhá-las, observá-las e cuidá-las.



FIGURA 71 - BRINQUEDO MULTIFUNCIONAL
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 72 - CORRENTES DE ESCALADA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)



FIGURA 73 - DECK
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Durante a observação presenciamos alguns grupos de crianças fazendo uso do espaço e do brinquedo multifuncional em sua maior parte apenas na exploração do brinquedo, repetidamente subindo pela escada de troncos e descendo pelo escorregador. Em meio a esta exploração, um grupo composto por 4 crianças já conhecidas entre si, sendo 3 meninas maiores de cinco anos e um menino menor, tentam organizar brincadeiras de pega-pega, primeiro o menino é chamado para correr

atrás das meninas, porém ele não consegue acompanhar a agilidade delas, e então junta areia com as mãos para acertar nas meninas que se chateiam e reclamam para os pais. Então as meninas desistem da brincadeira de pega-pega, começam a explorar o escorregador, tentando escorregar todas juntas, e o menino continua a experimentar a areia, tentando acertá-las, como elas se chateiam com isso, ele se diverte provocando-as, embora muitas vezes a areia não chegue a alcançá-las.

Juntam-se no mesmo espaço mais dois meninos irmãos, menores de cinco anos, que procuram explorar o brinquedo, inicialmente a adulta responsável fica apreensiva em deixar o irmão mais novo descer sozinho do escorregador, mas a criança, primeiro observa o irmão mais velho fazer e demonstrando-se segura de si imita o irmão, descendo sozinho pelo escorregador.



FIGURAS 74, 75 - CRIANÇA OBSERVA O IRMÃO MAIS VELHO E EM SEGUIDA IMITA SEUS MOVIMENTOS

FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

A criança mais nova repete os movimentos algumas vezes, e começa então a observar o outro grupo de crianças mais velhas, que se organizam para descer todas juntas no escorregador, porém a adulta que o acompanha se aproxima novamente do brinquedo, chama a atenção das meninas solicitando que elas escorreguem para que ele também possa escorregar, interrompendo a brincadeira, o menino é então forçado a

deslizar pelo escorregador, desce e volta a observar as meninas. Até que seu irmão se aproxima e o convida para tomarem um suco, e eles se afastam dali.



FIGURA 76 - CRIANÇA OBSERVANDO A BRINCADEIRA DE OUTRAS CRIANÇAS
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

E então as meninas cansam de brincar no brinquedo multifuncional e vão em direção aos seus responsáveis que estavam sentados no deck, ali iniciam uma nova brincadeira com a participação de um adulto, semelhante a pega-pega, onde as meninas atravessam de um lado a outro, tentando desviar do adulto que tenta pegá-las.



FIGURA 77 - BRINCADEIRA DE PEGA - PEGA COM A PARTICIPAÇÃO DO ADULTO
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Ainda no espaço do parque infantil, aproximam-se um casal com uma filha, eles sentam-se no banco e ela explora o brinquedo multifuncional, chamando o pai:

-Papai você é o lobo mau e eu a chapeuzinho vermelho! - O pai concordando com a brincadeira levanta para correr e pegá-la. Exclama:
- Lá vou eu! Vamos! Vamos! (Diário de campo, 07/11/2015)

E os dois se divertem correndo, ele atrás dela, usando o brinquedo multifuncional no percurso da brincadeira. Após algumas escorregadas, o pai cansa, diz para a filha: a última escorregada, desliza pelo escorregador, volta ao banco e o casal decide ir embora, chama a filha antes de se juntar aos pais, diz de cima do brinquedo:

- A última escorregada, tá bom? (Diário de campo, 07/11/2015)



FIGURA 78 - BRINCADEIRA ENTRE PAI E FILHA
FONTE: MONTEIRO, RODRIGUES (2015)

Apesar do espaço do brinquedo multifuncional ter sido palco de diferentes brincadeiras e interações, concordamos com Rechia (2003, p. 145) que “atualmente, não é necessário ser um especialista em arquitetura ou urbanismo para perceber que

muitos espaços públicos urbanos no Brasil estão adotando uma mesma padronização [...]”, neste viés consideramos que o Parque Vista Alegre, um espaço recém-inaugurado, poderia ofertar mais oportunidades, não somente ao público infantil, mas as demais faixas etárias, pois o espaço do parque se restringe ao espaço do brinquedo multifuncional e a cachoeira.

6. ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao optarmos pela observação e pesquisa em espaços públicos buscamos identificar a qualidade de oferta e as condições de uso feito pelas crianças nestes espaços, pois ao considerarmos os espaços dos parques e bosques públicos, partimos do pressuposto que estes denotam certa sensação de liberdade ao sujeito que o usufrui, pois estes espaços deveriam permitir à criança a condição de escolha, “escolher com quem brincar, do que brincar e como brincar” (MONTEIRO; RODRIGUES, 2015, p. 269). Porém ao realizarmos as observações, revelou-se que, embora os espaços sejam públicos e as crianças possam usufruir dos mesmos livremente, quando os espaços não ofertam condições de uso de qualidade e de segurança, bem como a diversidade de elementos para a construção das brincadeiras, as crianças acabam por ficar restritas a utilizar os espaços apenas para simples exploração de re(conhecimento).

Devido ao curto espaço de tempo para a construção da pesquisa, e consequentemente para a discussão dos dados socioeconômicos dos bairros e sua relação com os espaços campos da pesquisa, concordamos com Rechia (2003) ao constatar que a maioria dos parques e bosques se localizam na região norte e central, onde a população apresenta maior poder aquisitivo, sendo portanto privilegiada com a oferta de um número maior de áreas verdes. Enquanto a região sul não possui a mesma oferta de espaços, considerando que possui menor média de renda per capita.

A cidade campo de pesquisa, Curitiba, sofreu mudanças nas últimas décadas que acabaram por configurar os parques, espaços que consideramos de suma

importância para as crianças, que através da ludicidade desenvolvem suas dimensões físicas, motoras, afetivas, sociais, dentre outras.

A ludicidade é interpretada e defendida por diversos autores de maneiras diferentes, mas com conceitos e opiniões que se complementam. Assim Gilles Brougère (1998, s/d) ao abordar o conceito de cultura lúdica, defende que esta

[...] não está isolada da cultura geral. Essa influência é multiforme e começa com o ambiente, as condições materiais. As proibições dos pais, dos mestres, o espaço colocado à disposição da escola, na cidade, em casa, vão pesar sobre a experiência lúdica. Mas o processo é indireto, já que aí também se trata de uma interação simbólica, pois, ao brincar, a criança interpreta os elementos que serão inseridos, de acordo com sua interpretação e não diretamente. (grifos nossos)

Em nosso entendimento os parques são fontes de construção de conhecimento, experiências, vivências, ludicidade, individualidade e coletividade, são fontes inquestionáveis de cultura, diversidade e formação.

As considerações realizadas sobre os parques observados levam em conta as características desses espaços, análises dos dados levantados e gerados, bem como as contribuições teóricas e legislativas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) trazem como eixos norteadores do currículo as interações e a brincadeira, e estes devem entre outros, incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.

Os espaços destinados à educação infantil devem contemplar o desenvolvimento da criança e ofertar condições para que ele aconteça, porém sabemos que muitas vezes estes espaços são reduzidos ou não são aproveitados como deveriam, privando as crianças de experiências e construções importantíssimas que acontecem por meio da interação com seus pares e com os adultos, do contato com elementos da natureza, do tempo das brincadeiras, de objetos que elas têm para brincar, entre outros fatores.

Ao estabelecermos relação entre os espaços públicos de Curitiba e os espaços de Educação Infantil consideramos a importância de questionar a necessidade de mudanças que contemplem o principal sujeito da infância: a criança.

As observações da pesquisa nos mostraram inúmeras possibilidades de inovação quando pensamos em espaços externos destinados às crianças. Tomando como exemplo o espaço destinado ao público infantil do Parque Lago Azul, espaço este que reúne a brincadeira, a exploração da natureza e a interação social, levantamos a possibilidade da oferta de espaços como este nos CMEIs, pois ao compormos um cenário de brincadeiras com elementos da natureza estamos enriquecendo os repertórios das brincadeiras, além de trazer a condição do inusitado, do diferente para as criações das crianças.

Além disso, Tiriba (2010) entende que as creches se constituem em espaços privilegiados para aprender-ensinar porque nestes espaços as crianças colhem suas primeiras sensações, suas primeiras impressões do viver, assim a dimensão ambiental não poderia estar ausente, ou a serviço da dimensão cultural, ambas deveriam estar absolutamente acopladas.

Em contrapartida, a observação realizada no Parque Vista Alegre nos fez perceber que os parques infantis estão cada vez mais padronizados e repetidos, muitas vezes servindo como afirma Tonucci (2005, p. 45 apud Moro, 2012, p. 132) de “estacionamento de crianças”, pois o espaço do parque infantil acaba assumindo em seu projeto o papel de um espaço para que as crianças tenham aonde permanecer, sem de fato se preocupar com interesses e a cultura da infância. E é neste sentido que reforçamos a necessidade de se dar ouvidos às crianças, considerando a escuta o verbo mais importante (OSTETTO, 2011) para se pensar, planejar e direcionar o arranjo de espaços destinados às crianças. Concordando com Borges (2008, p. 142 apud MORO, 2012, p. 113), “[...] há diferentes maneiras de se projetar um espaço e uma dessas diferenças diz respeito ao tipo de relação que é estabelecida entre o usuário e o responsável projetista”.

Outra questão levantada durante a pesquisa foi referente as condições de escolha das crianças durante a apropriação dos brinquedos disponíveis nos parques observados, embora os brinquedos, principalmente os unifuncionais, apresentem uma

intencionalidade, no espaço público a criança encontra certa liberdade que a permite escolher e criar suas brincadeiras, ela não fica restrita ao brinquedo ou algum objeto, ela cria e re(cria) enredos, fazendo uso do espaço, experimentando-o, misturando brinquedos convencionais com elementos da natureza. Presenciamos estas situações como na visita ao Parque Lago Azul, onde as crianças exploraram e buscaram novas possibilidades, construindo brincadeiras a partir de elementos da natureza que se encontravam a disposição e que lhe serviam como ingredientes para compor sua invenção.

Do mesmo modo que o Parque Lago Azul demonstrou-se um espaço rico em possibilidades, o Parque da Barreirinha revelou-se um espaço pouco convidativo ao público infantil, e embora não tenhamos observado a presença de crianças fazendo uso do espaço e brinquedos ofertados, percebemos ali a necessidade de manutenção e oferta de espaços de qualidade destinados às crianças, pois

[...] todas as crianças têm o direito de desfrutar do lazer. Elas precisam brincar para o desenvolvimento da aprendizagem, mobilidade e comportamento. Do mesmo modo, o ambiente deve proporcionar segurança e conforto para que a criança desenvolva todo o seu potencial sem riscos (LAUFER, 2001, p.16 apud MORO, 2012, p.115)

Luize Moro, em sua dissertação de mestrado intitulada “Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados as brincadeiras infantis” (2012) revela através de entrevista realizada com um responsável da Secretaria Municipal de Meio Ambiente que os parques mais centrais de Curitiba contam com um fiscal designado para cuidar do espaço, já nos parques que não contam com este profissional as vistorias para manutenção acontecem anualmente, e a participação da população influencia diretamente na condição de manutenção, conservação e (re)construção destes espaços, pois a comunidade deve questionar, reclamar, e solicitar as melhorias, pois “[...] muitas vezes a negligência com determinados parques da cidade é agravada pela falta de ação política dos sujeitos (RECHIA, 2009, p.81 apud MORO, 2012, p.94). Neste viés, segundo o atual Secretário Municipal de Meio Ambiente, Renato Lima, o projeto do Parque Natural Municipal Vista Alegre atende às antigas reivindicações da população (CURITIBA, 2015, s/p).

Assim como na observação do Parque da Barreirinha, também não observamos o uso do espaço por crianças no Bosque Reinhard Maack, porém no espaço do bosque pudemos perceber a riqueza de oportunidades não só na exploração dos brinquedos presentes na trilha, mas no contato direto com a natureza. Percebemos que um mesmo brinquedo pode ser planejado e arquitetado de diversas formas, como é o caso das gangorras e do escorregador, que no Bosque misturam-se em meio a natureza, com a construção do brinquedo com troncos de árvores e trazem novos desafios, como a altura e as ondulações do escorregador. Outro aspecto que nos chamou a atenção no Bosque Reinhard Maack são os brinquedos ofertados, estes capazes de permitir à criança a exploração de seu corpo, bem como a condição de experiências e desafios.

[...] o espaço externo pode se constituir como um lugar rico em possibilidades e descobertas, promotor de aventuras, desafios, aprendizagem, propiciar as mais diversas interações, entre elas a interação com os elementos da natureza, que provoca a curiosidade e desenvolve a criatividade, além de permitir que a criança realize leitura de mundo a partir do conhecimento do meio ambiente, bem como o reconhecimento de seu corpo através das possibilidades de movimentações nas áreas livres. (MONTEIRO; RODRIGUES, 2015, p.272-273)

Quanto ao espaço do Parque São Lourenço, consideramos o espaço do parque infantil pouco instigante, porém, o Parque oferece outros espaços que favorecem a interação das crianças com outros sujeitos e com a natureza. Encontramos no Parque São Lourenço um espaço de pluralidade que une cultura, esporte, lazer e natureza, possibilitando diversas vivências, com a oferta dos espaços do teatro, da Casa Erbo Stenzel (casa da cultura), canchas de futebol e vôlei, ciclovia, lago, fauna e flora presentes neste espaço. Neste sentido concordamos com Rechia (2007, p. 12 apud MORO, 2012, p.93) ao afirmar que “[...] as experiências vivenciadas na fase da infância em espaços públicos se configuram como um pulsar da vida infantil no meio urbano, os quais devem ser ambientes privilegiados para potencializar o desenvolvimento das crianças”.

Entendemos, portanto, a partir dos estudos e observações realizados que a criança só se constituirá como sujeito de seu corpo, de seu movimento, como protagonista, se for sujeito dos espaços naturais e sociais onde vive e convive (TIRIBA, 2010). Compreendemos com isso quão importante é a relação criança-natureza,

criança-espaco público, consideramos que a criança aprecia os momentos que vivencia de maneira única, ao contrário do que parece óbvio, a criança não está na natureza, ela é natureza, ela compõe o cenário, manipulando, conhecendo, explorando os elementos naturais e sociais.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. A. **O espaço da creche: que lugar é este?** Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069/90. Casa Civil. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil.** Vol. 2. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2010.

BRASIL. Resolução nº 5/09. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2009.

BROUGÈRE, G. **A criança e a cultura lúdica.**São Paul: Rev. Fac. Educ., vol.24, n.2, jul-dez1998, sp. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200007&script=sci_arttext> Último acesso em: 01.12.2015

BITTONI, C. S. **Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação.** São Paulo, 2009.

CEPPI, G.; ZINI, M. **Crianças, espaços e relações: como projetar ambientes pra a educação infantil.** Tradução Patrícia Helena Freitag. Porto Alegre: Penso, 2013

CORSARO, W. **A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta das crianças.** Educação, Sociedade e Cultura, Nº 17, 2002, p. 113-134.

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Bosque Reinhard Maack**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-reinhard-maack/281>> Último acesso em: 04.09.2015

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Parque da Barreirinha**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-parque-barreirinha/295>> Último acesso em: 11.07.2015

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Parque Lago Azul**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/equipamento/parque-lago-azul/2219>> Último acesso em: 11.07.2015

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Parque São Lourenço agora tem sistema de iluminação inteligente**. 2015, s/p. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/parque-sao-lourenco-agora-tem-sistema-de-iluminacao-inteligente/37308>> Último acesso em: 01.12.2015

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Prefeitura entrega Parque Vista Alegre com 100 mil m² de conservação**. 2015, s/p. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/prefeitura-entrega-parque-vista-alegre-com-100-mil-m-de-conservacao/37703>> Último acesso em: 01.12.2015

CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. **Parque São Lourenço**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/equipamento/parque-sao-lourenco/1428>> Último acesso em: 31.10.2015

FARIA, A. L.G., O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia na Educação Infantil. In: FARIA, A. L. G.; PALHARES, M.S. **Educação Infantil pós-LDB: Rumos e desafios**. Ed. Campinas: SP: Autores Associados, 1999, p. 67-99

FARIA, R. L.; SHUVARTZ, M. **Possibilidades lúdicas em um espaço de educação não formal**. Trabalho apresentado no 8. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0505-1.pdf>> Último acesso em: 01.12.2015

FRAGO, A. V. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Frago, A. V. e Escolano, A. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 59- 139.

GONÇALVES, S. R.; LEMES, A. A.; ARAGÃO, V. C. Bebês e a interação com o meio natural. IN: PEIXE, D. C. S.; NEIVERTH, T.(orgs.) **Creches Catarinenses: experiências de formação e práticas pedagógicas**. Florianópolis: UFSC-CED-NUP, 2014. P. 227-266.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Plano Estrutural de Recreação de Curitiba**. Curitiba: IPPUC, 1968.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Plano Diretor 2004: o planejamento urbano de Curitiba**. Curitiba: IPPUC, 2004, 110p.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Nosso Bairro**. Curitiba: IPPUC, 2015. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br/default.php>> Último acesso em: 01.12.2015

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). Setor de Geoprocessamento. **Mapa Bosques, Parques e Praças**. Curitiba: IPPUC, 2012.

LOPES, A. E. Foto-grafias: as artes plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, S.; LEITE, A.I. (orgs). **Infância e Produção Cultural**. Campinas, Sp: Papyrus, 1998. p. 77-109

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCHIORI, R. **Ex-capital ecológica, Curitiba precisa reinventar sua marca**. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 09 mai. 2014, Especiais: cidades inovadoras. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/cidades-inovadoras/ex-capital-ecologica-curitiba-precisa-reinventar-sua-marca-924nn8g6yko01ztvjd3a43n0u>> Acesso em 15/08/2015.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEIRO, J.; RODRIGUES, J. Os Espaços Externos como Possibilidade de Múltiplas Experiências na Educação Infantil. **Zero-a-Seis**, Florianópolis: UFSC, v. 17, n.32, p. 264-278, jul-dez 2015.

MORO, L. **Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados às brincadeiras infantis**. Curitiba, março, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

MORO, L.; RECHIA, S.; ASSIS, T. S. **Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados às brincadeiras infantis - um panorama geral**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

MOURA, R. **Curitiba: construção e desconstrução de um mito**. Disponível em: <<http://www.mobilizacuritiba.org.br/files/2014/04/Curitiba-constru%C3%A7%C3%A3o-e-desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-um-mito.pdf>> Último acesso em: 01/12/2015

OLIVEIRA, M. **A trajetória do discurso ambiental em Curitiba (1960-2000)**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, Nº 16, jun. 2001, p. 97-106.

OLIVEIRA, Z. M. R.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil**. Cad. Pesq., São Paulo, N. 87, p. 62-70, nov, 1993.

OSTETTO, L. E. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, L. E. (orgs). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000, p.175-200.

PINTO, M.R.B. **Tempo e espaço escolares: o (des)confinamento da infância**. GT: Ensino Fundamental. n.13. s/d, p.1-17. Disponível em: <<http://teiaufmq.com.br/wp-content/uploads/2014/07/Tempo-e-espao-escolares-O-desconfinamento-da-inf%C3%A2ncia..pdf>> Último acesso em: 20/05/2015

PREFEITURA DE CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Sistema de Parques e Praças da Secretaria Municipal do Meio Ambiente**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-smma/267>> Último acesso em: 21/11/2015.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: A relação cidade-natureza nas experiências de lazer.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec. São Paulo, 1988. Disponível em: <http://www.controversia.com.br/antigo/uploaded/pdf/13663_metamorfose-do-espaco-habitado-milton-santos.PDF> Último acesso em: 24/05/2015.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. **Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território.** Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. P. 24-42. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>> Último acesso em 24/05/2015.

TIRIBA, L. **Crianças da natureza.** Texto para consulta pública. Brasília: MEC/COEDI, 2010. Disponível em: www.mec.gov.br Último acesso em: 01/12/2015

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança.** Manole, São Paulo, 1989.